

SUMÁRIO

REDES DE COMPUTADORES: A MUDANÇA DE IPV4 PARA IPV6	2
Tharcilla Ricardo Cavalcante.....	2
Renato Arnaut Amadio	2
Eugênio Guimarães de Souza	2
Julio César Gavilan	2
Maico Luis Rheinheimer	2
 CRIANÇAS E MÍDIAS DIGITAIS: uma abordagem histórico-social e da infância contemporânea.....	12
Antonio Cleber Zequetto	12
 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	29
Jéssica Fernanda R. Franco	29
Janaina Fernnanda da Silva Souza Castro	29
 SERVIDOR LINUX DE ARQUIVOS	41
Kemerson Wedley Costa da Silva	41
Eugênio Guimarães de Souza	41
Julio César Gavilan	41
Maico Luis Rheinheimer	41
Renato Arnaut Amadio	41
 BREVES NOTAS SOBRE O ANTICOMUNISMO NA ERA VARGAS EM MATO GROSSO (1930 A 1945).....	52
Jucineide Moreira de Souza Pereira.....	52
Antuterpio Dias Pereira	52
Ideylson da Silva Vieira Dos Anjos.....	52
Diego Campos Pereira	52
Gustavo Leandro Martins dos Santos	52

REDES DE COMPUTADORES: A MUDANÇA DE IPV4 PARA IPV6

Tharcilla Ricardo Cavalcante¹

Renato Arnaut Amadio²

Eugênio Guimarães de Souza³

Julio César Gavilan⁴

Maico Luis Rheinheimer⁵

RESUMO

Redes de Computadores é um sistema com um grande número de computadores separados, porém interconectados capazes de trocarem informações, surgiu na Guerra Fria para que militares pudesse se comunicar em meio à guerra com segurança, logo depois passou para uso acadêmico, interligando inúmeras Universidades e aprimorando seus conhecimentos, e por fim, grandes empresários viram o enorme potencial dessa rede para o uso comercial. Diante da nova tecnologia, novos usuários começaram a ter acesso à rede, porém a Rede de Computadores desde sua criação opera com o IPV4, que tem como finalidade identificar qualquer dispositivo conectado na rede. Com tantos acessos na Rede Mundial de Computadores, o IPV4 está com seus dias contados, sabendo desse problema a IEEE resolveu criar uma atualização para o IPV4, chamando-o de IPV6. O IPV6 é um upgrade do IPV4, que tem como principal vantagem a grande quantidade de endereços válidos, e essa migração do IPV4 para IPV6 será gradual, pois atualmente a maioria dos equipamentos que estão interligados na Rede de Computadores é inadequada para suportar essa atualização. O site NIC.BR que é o órgão responsável pelos IP's do Brasil estima que nem 0,1% desta migração está concluída no Brasil. Neste artigo apresentaremos a importância desta migração, usando do método de pesquisa bibliográfico e a técnica revisão bibliográfica, onde fica concluído que a uma grande urgência na mudança para o IPV6, contudo há um grande custo para a migração por conta dos equipamentos e a falta de capacitação dos técnicos.

Palavras Chave: IPV4 E IPV6. MUDANÇAS. REDES e INTERNET.

ABSTRACT

Computer networks is a system with a large number of separate, but interconnected computers capable of exchanging information, arose during the cold war for military could communicate in the midst of a war safely, soon after went to academic use, linking many Universities and enhancing their knowledge, and finally, big businessmen have seen the enormous potential of this network for commercial use. In the face of new technology, new users began to gain access to the network, but the computer network since its inception opera with IPV4, which aims to identify any device connected to the network. With so many hits on the World Wide Web, IPV4 is with its days numbered, knowing this issue IEEE decided to create an update for IPV4, IPV6. IPV6 is an upgrade of IPV4, which has as its main advantage the large amount of valid addresses, and this migration of IPV4 to IPV6 will be gradual, because currently most equipment that are intertwined in the computer network is inadequate to support this update. The NIC.BR site which is the organ responsible for the IP's of Brazil

¹ Acadêmica do Curso de Sistemas de Informação na Faculdade Eduvale.

² Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale.

³ Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale

⁴ Professor Mestre da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale

⁵ Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale

estimates that even 0.1% of this migration is completed in Brazil. In this article we will present the importance of migration, using the bibliographical study research method and the technique bibliographical research where it is concluded that a great urgency in moving to IPV6, however there is a great cost for migration because of the equipment and the lack of technical training.

Keywords: IPV4. IPV6. CHANGES. NETWORKS AND THE INTERNET.

INTRODUÇÃO

A Rede Mundial de Computadores teve início no auge da Guerra fria para que os Estados Unidos pudessem se comunicar com seus soldados, no final dos anos 60 a ARPANET começou a estabelecer uma rede experimental de computadores, que tinha como objetivo compartilhar recursos escassos, logo essa nova tecnologia começou a se espalhar rapidamente pelos Estados Unidos, e com a criação do Modelo TCP/IP, que se refere ao endereço associado que foi padronizada para manter a comunicação entre redes, assim essa rede começou a torna-se acessível tanto para empresas quanto para usuários, porém muitos especialistas na época argumentavam que o protocolo IPV4 que foi criado para identificar os periféricos, poderia se acabar. O fascínio da pesquisadora, através do conhecimento obtido em aulas de Tecnologia de Informação, despertou-se um interesse em entender o que é IPV4 e qual era a mudança que tanto se comentava, com todo esse grande crescimento nas redes de computadores houve-se a necessidade de entender os impactos gerados pela mudança do IPV4 para um novo protocolo chamado IPV6.

De acordo com o autor Mendes (2007), O IPV6 é um protocolo atual que surgiu para substituir o IPV4, que tem como característica principal do seu desenvolvimento um espaço maior para endereçamento de IPS, assim as redes sociais, sites, vídeo conferência ficaram cada vez melhor e incrível facilitando a vida dos usuários e empresas. Compreender a importância da Rede de Computadores e a Mudança de IPV4 para IPV6, não está sendo uma tarefa fácil, pois a migração passa por inúmeros problemas como, a falta de equipamentos aptos para a transmigração, softwares não compatíveis, o não conhecimento dos usuários e empresas referente ao IPV6, tornando assim o processo extenso.

O uso do método estudo bibliográfico e de sua técnica pesquisa Bibliográfica foi de grande importância para a elaboração deste artigo.

HISTÓRICO DA INTERNET E AS REDES DE COMPUTADORES

De acordo com os autores como Almeida e Junior (2012), a internet primeiramente era conhecida como Arpanet que surgiu em meados da Segunda Guerra Mundial, que tinha como objetivo garantir as informações dos Estados Unidos, que anos mais tarde passou a ser uma Rede Universitária, para que as Universidades dos Estados Unidos compartilhassem pesquisas para os acadêmicos. Porém no final de 1980, Tim Berners-Lee criou uma nova fórmula de facilitar as universidades dentro da Arpanet, hoje essa nova forma é chamada de W.W. W (Word Wide Web) que em tradução livre significa “Rede Mundial de Computadores”. Através do método de Tim Berners-Lee, surgiram inúmeras evoluções a esse protocolo, até chegarmos ao que conhecemos hoje de Internet, e nenhum outro método se expandiu tão rapidamente quanto ao W.W.W.

Segundo o autor Mendes (2007), o Termo Internet representa uma rede que podemos e conseguimos tudo, essa popularização é devido ao grande acesso de pessoas com ou sem experiência de informática, conectada na rede com algum dispositivo, permitindo assim as pessoas compartilhar e trocar informações.

De acordo com os autores como Costa, Silva e Cruz (2012), que defende firmemente que Redes de Computadores envolvem todos e quaisquer tipos de sistemas integrados e interconectados através de uma CPU (Central Processing Unit) que em português significa Unidade Central de Processamento, para que assim possa ter acesso mesmo que remotamente em qualquer terminal da infraestrutura, promovendo assim uma comunicação confiável e para obter melhor fluxo das informações e comunicação entre os usuários. Existem três tipos de redes: Rede local (LAN), que são computadores que são interligados por meio de cabo e pertencem ao mesmo local físico, Rede Metropolitana (MAN), são redes de televisão a cabo que abrange uma cidade, e Rede de Longa Distância (WAN): que são redes interligadas pelas redes LAN independentemente do tamanho da rede, podendo interligar cidades facilitando a comunicação de pessoas e empresas.

VANTAGENS DO USO DAS REDES

Segundo o autor Mendes (2007), as vantagens no uso das redes são muitas e facilita a vida dos usuários e empresas como: compartilhamento de arquivos de trabalho que melhora a vida dos usuários, pois através desse recurso as pessoas podem acessar arquivos ou informações que estão armazenados desde que estejam interligados, todos os computadores que são interligados, podem ter acesso aos programas instalados no disco rígido da máquina,

fazendo com que as empresas invistam e economizem em programas caros e pode ser acessado por todas as pessoas, esse é o compartilhamento de programas e outro compartilhamento interessante é o compartilhamento de acesso à internet que se torna possível e mais barato, pois com apenas um equipamento, vários usuários conseguem acessar notícias, compartilharem informações e se comunicar em segundos sem custo muito alto.

COMPONENTES DE UMA REDE

Segundo o autor Mendes (2007), para uma rede de computadores se tornarem operacional tem que haver comunicação entre os computadores, e para que essa comunicação seja efetivada é preciso de alguns componentes, como por exemplo, o software de comunicação que é responsável por garantir a navegação adequada e liberar as informações que cada usuário precisa, obtendo assim uma transmissão de dados segura dentro da rede. O servidor é outro componente crucial para o armazenamento e manuseio de dados ali armazenados, pois a partir de outro computador você poderá ter acesso a qualquer informação contida nele. As estações de trabalho também é um componente de suma importância dentro de uma rede, chamado PC (Personal Computer), são encontrados em casas e empresas de grande e pequeno porte, são conhecidos como computadores cliente, onde faz o papel de facilitador ao acesso das informações.

MODELO DE REFERÊNCIA OSI / TCP/IP E ARQUITETURA ETHERNET

Segundo os autores Forouzan e Fegan (2010) apud Lopes, Benevenuto, Oliveira (2015), modelo OSI que tem como objetivo fazer interconexão de sistemas abertos, foi à base para a padronização dos protocolos, porém o modelo não se trata de um protocolo e sim serve para desenvolver arquiteturas de redes, garantindo compatibilidade entre diferentes sistemas.

Segundo o autor Sousa (2009) apud Lopes, Benevenuto, Oliveira (2015), o modelo de referência TCP/IP, tem a função de interconectar computadores estabelecendo redes LAN e WAN. Os modelos OSI e TCP/IP possui uma interação entre si e também tem uma determinada compatibilidade.

Segundo o autor Mendes (2007), Ethernet iniciou em 1973, sendo uma placa de rede que tem a finalidade de fazer o compartilhamento de arquivos e equipamentos que facilitem a vida dos usuários, porém na época a Ethernet não era oferecida para outras empresas privadas, depois de muito tempo foi licenciada a Ethernet para outras empresas como, por exemplo: a

Microsoft e a Intel que inovaram na Ethernet, e a partir disso passou a ser conhecida mundialmente.

Segundo o autor Tanenbaum (2003) apud Accardi e Dodonov (2012), Ethernet é um tipo de tecnologia que faz comunicação em rede local (LAN), fazendo compartilhamento da transmissão, que foi padronizada como padrão IEEE 802.3 (Comitê do Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrônicos), que está em frequente evolução, essa tecnologia é utilizada por empresas e até residências, pois permitem que transmissões cheguem até 10 Gbps.

MODELO DE TRANSMISSÃO: Fast Ethernet e Gigabit Ethernet

Segundo o autor Forouzan (2006) apud Alencar (2010), transmissão é um equipamento que faz o envio das mensagens, seja pelo computador ou qualquer outro dispositivo.

Segundo o autor, Torres (2004) apud Alencar (2010), existem três tipos de transmissão de dados: Simplex, Half-duplex, Full-duplex.

a) Simplex: Nessa Transmissão existem duas estações, uma que transmite e outra que recebe, ou seja, a transmissão é unidirecional.

b) Half-duplex: Essa transmissão é bidirecional, porém não envia dados ao mesmo tempo e sim em determinado tempo.

c) Full-duplex: Essa transmissão permite a comunicação simultânea entre duas estações ao mesmo tempo, sendo bidirecional precisamente.

Segundo o Autor Mendes (2007), Fast Ethernet é um aperfeiçoamento da Ethernet, com uma capacidade de transmissão de 100 Mbps. Surgiu em meados de 1990 para ser uma alternativa da Ethernet, pois apesar de ser uma transmissão cara, a Ethernet tinha a velocidade máxima de 10 Mbps de transmissão e os equipamentos eram específicos e só funcionava em fibra ótica. A Fast Ethernet por sua vez funciona com cabeamento de par trançado, os equipamentos são mais eficientes e a transmissão é mais rápida.

Segundo o Autor Tanenbaum (2011), Gigabit Ethernet foi criada para suprir apenas o campo padrão da Ethernet, com o objetivo de torna-la mais rápida e manter todas as compatibilidades com a base. Gigabit Ethernet possui 1 Gbps com uma característica de seguimento igual da Ethernet, de detectar colisões e aceitar alguns modos de transmissão.

O QUE É PROTOCOLO?

Segundo o autor Tanenbaum (2003) apud Accardi e Dodonov (2012), protocolo se define como um acordo entre entidades comunicantes fazendo comunicação de dados e estabelecendo a ordem que os dados serão trocados.

Protocolo IP e Endereços IP

Segundo os autores Oliveira e Garcia (2014), o protocolo IP (Internet Protocol) tem a função de identificar qualquer tipo de dispositivos que estão conectados na rede de computadores transmitindo informações para outros locais. O protocolo IP roteia e conduz os dados das informações a serem enviadas, assim para que essas informações sejam entregues ao destinatário, os dados são divididos em partes de pacotes ou pacote de IP, e cada pacote deve ter sua identificação que é o endereço IP, com isso os roteadores acham os caminhos correspondentes para que as informações sejam entregues ao seu destino.

Segundo o autor Morimoto (2006) apud Terense e Freitas (2016), o endereço IP além de ser um número que é dividido em octetos e escrito em decimal, também possui duas divisões, onde a primeira parte faz a identificação da rede onde os host se encontram, e a segunda parte faz a identificação dos host na rede, pois para os computadores navegarem na internet precisam de sua identificação única.

Segundo o autor Mendes (2007), os endereços reservados ajudaram a diminuir os endereços disponíveis na internet. Existem alguns endereços reservados segundo a IANA:

a) Loopback Addrees: Esse endereço é reservado para servidores se comunicarem, desta forma poderá identificar quando o computador estiver com erro e melhorar assim a qualidade de desempenho.

b) Rota-Padrão: O IP 0.0.0.0 é um endereço reservado, responsável por encontrar a rota do computador caso o endereço IP não estiver na rede de computadores.

c) Endereço de Broadcast: Esse endereço é reservado com o último IP de todas as redes. O endereço de broadcast é um chamado na rede que é emitido para todos os computadores, e só o computador solicitado se comunica com este endereço.

d) Endereço Unicast: É uma transmissão ponto a ponto que possui apenas um único canal de comunicação, desta forma todas as informações compartilhadas passam por toda a rede, assim os pacotes enviados de qualquer computador são entregues para todos os computadores na rede.

MÁSCARA DE REDE

Segundo o autor Mendes (2007), máscara de Rede é o nome que se dá para o comportamento do endereço IP e determina em qual rede os equipamentos se encontram dentro da mesma.

Para descobrir em qual máscara a rede está devemos utilizar a formula: $2^n - 2$.

IPV4 E IPV6

Segundo o autor Santos (2012) apud Barretos (2015), a versão do Protocolo IP (IPV4), surgiu no início de 1980 e é um protocolo que predomina a internet atualmente, esse protocolo determina uma identificação de endereços, de quaisquer dispositivos que tenham acesso à internet. Na criação do IPV4 já existiam preocupações sobre a escassez do mesmo, pois não houve uma distribuição controlada do IP durante o crescimento da internet.

Segundo os autores Kurose e Ross (2010) apud Terense e Freitas (2016), com o crescimento acelerado da internet, fez com que o protocolo cedesse uma grande demanda de IP, e sua versão IPV4 suportava (4.294.967.296 endereços válidos), aproximadamente 4,5 bilhões de IP.

Segundo o autor Brito (2014) apud Terense e Freitas (2016), IPV4 possui um endereçamento de 32 bits, são separados por 4 blocos de 8 bits cada e representados em números decimais que são separados por “.”, como a seguir: 192.32.16.9. Com essa grande demanda foi se esgotando os endereços válidos, diante desta situação encontrarão uma solução para manter o IPV4 em uso, o chamado NAT (Network Address Translation), que traduz endereços que não são válidos de uma rede privada, para endereços válidos na internet. Mesmo com a utilização do Nat o esgotamento dos endereços foi ficando cada vez mais evidente e então foi criada uma nova versão, o IPV6 que suporta 340.282.366.920.938.463.374.607.431.768.211.456, (340 undecilhões de endereços).

Segundo o autor Santos (2004) apud Terense e Freitas (2016), O endereçamento IPV6 é aplicado em 128 bits e dividido em 8 partes com 16 bits cada, igual a representação a seguir: 4DEA:2031:0:0:6:600:600C:51A7. A principal vantagem do IPV6 é a grande quantidade de endereços válidos, e cada host irá possuir apenas um endereço válido, não precisará assim do protocolo Nat.

Segundo os autores Nordmark e Gilligan (2015) apud Barretos (2015), o IPV6 é hierárquico, possui um cabeçalho mais simples que o IPV4, fornecem várias ferramentas para segurança, mobilidade e autoconfiguração dos hosts.

De acordo com o NIC.BR, (2011) apud Barretos (2015), o esgotamento do IPV4 ficou visível diante da decisão da Entidade Mundial Responsável pela Distribuição de IP IANA (Internet Assigned Numbers Authority), de distribuírem suas 5 últimas 5 banda de endereços disponíveis no Mundo, em 2011.

De acordo com LANIC (2014) apud Barretos (2015) No Brasil o NIC.BR o órgão responsável pelos IP, tem aplicado medidas restritivas a alocação das últimas faixas e afirma que a situação é preocupante, pois com as estáticas atuais observa-se que o Brasil possuem apenas 0,1% de usuários com IPV6 migrado.

De acordo com NIC.BR (2014) apud Barretos (2015) A Anatel desejava acelerar a migração para o IPV6 em 2015, porém existe um grande problema das empresas fornecedoras de internet no Brasil, que é o grande custo da migração por conta dos equipamentos e a falta de capacitação dos técnicos.

De acordo com o NIC.BR (2011) apud Barretos (2015) Diante desses problemas o CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil), já estava incentivando as empresas que fornecem internet a migrarem para o IPV6 desde 2007 e recomenda a urgência para adoção de IPV6 antes da escassez definitiva do IPV4.

Os seguintes gráficos mostram as estatísticas de alocações de recursos numéricos da Internet na área de cobertura da LACNIC (Latin American Network Information Center).

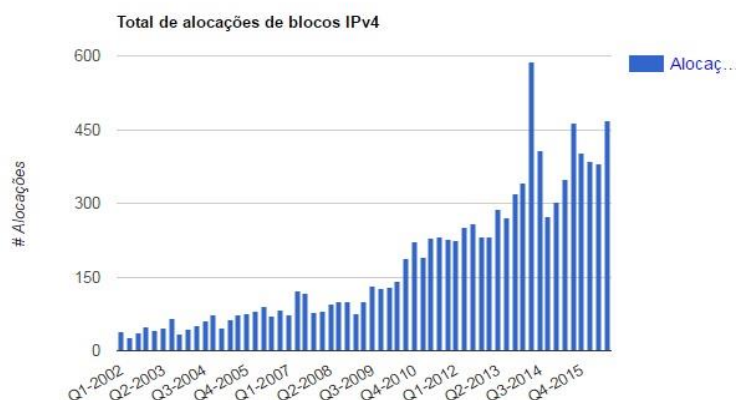


Figura 1 : Gráfico de alocações de Blocos IPV4, (LANIC 2016)

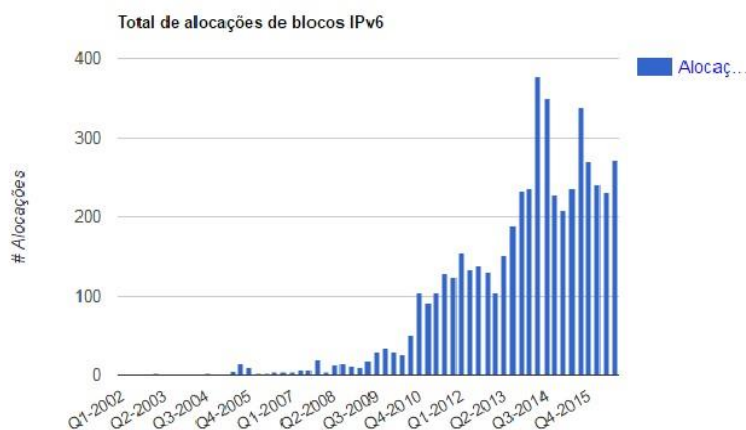


Figura 2: Gráfico de Alocações de Blocos IPV6, (LANIC 2016)

CONCLUSÃO

O surgimento da Rede de Computadores foi de essencial importância para as empresas se desenvolverem, pois antigamente existiam muitas limitações de recursos computacionais. Diante disso a rede evoluiu durante anos, porém ainda opera com o mesmo protocolo desde seu surgimento, o IPV4 já é escasso nos tempo de hoje, perante esse problema desenvolveram um substituto, chamado IPV6, esse protocolo possui um endereçamento maior que o anterior com 128 bits e uma alocação de IP's muito maior que a do atual protocolo.

Dados alarmantes do NIC.BR diz que apenas 0,1% dos brasileiros usam IPV6, por outro lado o CGI (Comitê Gestor da Internet no Brasil), diz que as empresas fornecedoras de Internet e os funcionários não estão capacitados, uma vez que havendo um grande custo de equipamentos e falta de treinamento adequado à migração se torna impossível, tudo isso desacelera a migração definitiva para o IPV6. Assim o CGI, que foi pioneira do IPV6, incentiva todas as empresas a migrarem para o IPV6 e evitar até mesmo a suspensão de todo o serviço web.

REFERÊNCIAS

ACCARDI, Adonis; DODONOV, Eugeni- **Automação Residencial: Elementos Básicos, Arquiteturas, Setores, Aplicações e Protocolos**- ISSN: 2316-2872- Tecnologia, Infraestrutura e Software, São Carlos, v.1, nº 2, p. 156-166, nov.2012. Disponível em <revistatis.dc.ufscar.br/index.php/revista/article/download/27/30 >. Acessado em: 05 de Mai. de 2016.

ALMEIDA, William Fernande de; JUNIOR, Eli Candido- **Web 3.0: O Futuro da Internet nas Nuvens**- Faculdade Integrada Antônio Eufrásio de Toledo - Presidente Prudente- SP- ETIC – Encontro de Iniciação Científica – 2012- ISSN: 21-76-8498. Disponível em <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/ETIC/article/view/3806/3566>> acessado em: 20 de Mai. de 2016.

ALENCAR, Márcio Aurélio dos Santos- **Fundamentos de Redes de Computadores**/ Márcio Aurélio dos Santos Alencar- Manaus: Universidade Federal do Amazonas CETAM, 2010 ISBN: 978-85-63576-04-0 p.15. Disponível em <http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_infor_comun/tec_man_sup/081112_fund_redes_comp.pdf>. Acessado em: 20 de Set. de 2016.

BARRETOS, Fernando- **Protocolo IPV6 com pilha dupla em um campus universitário – Revista Brasileira de Computação Aplicada** – Passo Fundo- ISSN: 2176-6649, v.7, nº3, p.2-16, out.2015. Disponível em: <seer.upf.br/index.php/rbca/article/download/4455/3499>. Acessado em: 16 de Ago. de 2016.

COSTA, Johnatan da Silva; SILVA, Jovina da; CRUZ, Maria Auxiliadora Pereira da. **Segurança de Redes de Computadores na internet** – ISSN: 2357-0501- 2012. Terezinha-PI. Disponível em <www4.fsanet.com.br/revista/index.php/inovaacao/article/download/480/pdf> . Acessado em: 05 de Abr. de 2016.

LOPES, Isabela Martins; BENEVENUTO, Fernanda Mauri; OLIVEIRA, Fábio Machado- **As Camadas do Modelo OSI: Revisando suas Funcionalidades e Respetivos Protocolos** – Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico- ISSN: 2446-6778 nº 2, volume 1, artigo nº 19, Julho/Dezembro 2015 p. 3. Disponível em: <<http://reinpec.srvroot.com:8686/reinpec/index.php/reinpec/article/view/109/45>> acessado em: 01 de Ago. de 2016.

MENDES, Douglas Rocha **Redes de Computadores: Teoria e Prática** / Douglas Rocha Mendes – São Paulo: Novatec, 2007.

OLIVEIRA, José Giovanni S.; GARGIA Raphael- **Comunicação de Computadores e a Evolução do Protocolo IP**- ETIC- Encontro de Iniciação Científica- ISSN: 21-76-8498 2014, vol. 10, nº 10. Disponível em <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/4378/4137>> acessado em: 01 de Ago. de 2016.

TERENSE, Aron Caio; FREITAS, Rogério Nunes de. – **Estudo sobre a Viabilidade de uso de Nat no IPV6**- Revista. Tec. Fatec AM – ISSN: 2446-7049- Americana- volume 4, nº 1 p. 51-77 Março/Setembro 2016. Disponível em: <http://fatec.br/revista_ojs/index.php/RTecFatecAM/article/view/63>. Acessado em 21 de Jun. de 2016.

TANENBAUM, Andrew S. **Redes de Computadores** / Andrew S. Tanenbaum e David Wetherall 5ª ed. – São Paulo: Pearson Pretice Hall, 2011.

CRIANÇAS E MÍDIAS DIGITAIS: uma abordagem histórico-social e da infância contemporânea.

Antonio Cleber Zequetto⁶

RESUMO

Este trabalho, pautado numa perspectiva histórico-social da criança, traz considerações sobre os contornos que a infância assume na contemporaneidade. Busca-se contribuir para uma análise que abarca a infância na contemporaneidade, as mídias sociais e o papel que a criança exerce na sociedade, tendo em vista o desenvolvimento das tecnologias digitais com as quais ela interage, como seu protagonismo intermediado pela selfie.

Palavras-chave: infância, redes sociais, selfie

ABSTRACT

This work, based on a historical-social perspective of the child, brings considerations about the contours that childhood assumes in the contemporaneity. It seeks to contribute to an analysis that includes childhood in the contemporary world, social media and the role that children play in society, in view of the development of the digital technologies with which it interacts, as its protagonism mediated by selfie.

Keywords: childhood, social networks, selfie

APONTAMENTOS INICIAIS

A sociedade atual está marcada, sobretudo desde a última década, por profundas mudanças culturais, que têm afetado os modos como os sujeitos aprendem, se relacionam e se constituem. O crescente avanço dos recursos tecnológicos concorre para que novos conhecimentos sejam produzidos com o acesso à internet. Com esse avanço digital, o ambiente relacional da criança se redefine constantemente. A concepção histórico-social da criança, na perspectiva de Ariès (2014), aponta para discussões que abarcam as suas relações com a família e a escola. Com o advento da modernidade⁷, nota-se que a criança, confinada

⁶ Professor de Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus Corumbá/MS. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) - UFMT – Câmpus de Rondonópolis. Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude e Cultura Contemporânea – GEIJC.

⁷ O termo modernidade, refere-se segundo Giddens (1991) a um estilo, costume de vida ou organização social que emergiram da Europa no século XVII e que se consolidou, de certo modo, como mundial em sua influência. Argumenta-se, sobretudo, que ao final do séc. XX estas características particulares se elevaram para além de uma simples definição sobre mudanças, mas um sistema social que emergiu sobre as grandes transformações globalizantes, pois a “modernidade é inerentemente globalizante [...], evidente em sua ação de desencaixe e reflexividade” (GIDDENS, 1991, p.69).

nos espaços da família e da escola, ganha certo protagonismo social por seu vínculo de dependência em relação aos adultos.

Este trabalho interessa-se, especialmente, em refletir sobre as constituições subjetivas e sobre a exposição do corpo da criança por meio da utilização do novo artefato virtual denominado “selfie⁸”, isto é, autorretratos publicados na plataforma virtual. Essa busca, entrelaçada aos conteúdos teóricos, pretende fornecer subsídios para futuras pesquisas sobre os temas infância, mídia, internet e cultura digital.

Para aprofundar os estudos, este trabalho pretende promover uma interlocução que compreenda abordagens de outros autores contemporâneos para tratar sobre os temas mídias, infância, internet, pesquisa *com e sobre* crianças e cultura contemporânea. Dentre eles, sem hierarquias ou privilégios, estão Bauman, para entender o âmbito da modernidade e suas consequências no mundo contemporâneo e dialogar sobre as questões de identidade social; Buckingham, para apontar elementos que compreendam os debates sobre as necessidades, vantagens e desvantagens do uso da internet pelas crianças, bem como sobre os desdobramentos que as mídias sociais digitais produzem no âmbito da construção social da infância; Corsaro, para ponderar as concepções da sociologia da infância e as argumentos que legitimam as crianças como atores sociais; Hall, para discorrer sobre os fenômenos culturais na construção da identidade contemporânea e Salgado (2005) para tratar da infância na contemporaneidade e sua ressignificação social.

Desse modo, faz-se importante problematizar a infância, sobretudo em suas novas configurações no contexto da cibercultura, bem como os sentidos, os conhecimentos e as práticas sociais que as crianças constroem ao se relacionarem com as mídias digitais, no sentido de compreender suas constituições subjetivas e os modos como produzem imagens de si e as exibem para o outro por meio desse novo artefato virtual, denominado “selfie”.

⁸ Em novembro de 2013, o dicionário Oxford escolheu *selfie* como a palavra internacional do ano. O motivo da escolha se justificou pelo resultado de pesquisas realizadas pelos editores do dicionário Oxford, que mostraram um aumento de 17.000% referente ao ano anterior no uso do termo *selfie*. Também foi pesquisado por estes profissionais da Oxford quando ocorreu o uso da palavra *selfie* pela primeira vez de forma escrita. E encontraram um registro feito por um estudante em um fórum *online* australiano da ABC Ciências, em setembro de 2002. A explicação para esse número expressivo do uso da palavra *selfie*, em 2013, está relacionada com as novas formas de comunicação e interação do sujeito com a sociedade, com a cultura e com as novas tecnologias. Lévy (1999) denominou de cibercultura, conceituando como —o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. O ciberespaço refere-se a um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores (LÉVY, 1999, p. 17, 94 apud LIMA, 2015).

A REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA DA CRIANÇA E O SENTIMENTO PELA INFÂNCIA

A contribuição dos estudos do historiador francês Philippe Ariès para a atualidade, no que respeita os estudos sociais da infância, é valiosa não apenas por retratar e representar da criança nos tempos da história, mas por fornecer argumentos e conteúdo para entender qual é a contribuição da infância para a sociedade, especialmente sobre a infância com uma categoria social.

O trabalho de Philippe Ariès (1960), intitulado *História Social da Criança e da Família* constitui provavelmente o marco mais importante no sentido da tomada de consciência da criança. Nas palavras de Peralva (1997), “o marco inaugural que destaca as idades da vida – infância, adolescência e juventude – não mais como fenômenos naturais, mas imbuídas de caráter social e histórico (PERALVA, 1997, p.15).

A partir da análise desta obra historiográfica se pode observar que as questões da história da infância e da aprendizagem humana estavam relacionadas conceitual e socialmente. Nota-se que a ênfase na pesquisa está na simultaneidade no tempo do descobrimento ou reconhecimento da infância moderna e da aparição de instituições protetoras para cuidar e formar a geração mais jovem. Evidenciando, por sua vez, que a falta de uma história da infância e seu registro historiográfico tardio são um indício da incapacidade por parte do adulto de ver a criança em sua especificidade.

Cabe salientar que, a ideia de o autor representar as idades da vida a partir da análise das obras de arte, é uma abordagem inovadora. Ariès demarca as etapas da vida não apenas com um fator biológico, mas que dizem respeito às funções sociais em que eram atribuídas as pessoas (ARIÈS, 1981, 2014). O autor aponta a necessidade social de marcação da vida pelo tempo cronológico. Não se trata, apenas, de uma intenção de esquadrihar a vida do sujeito, mas em demonstrar como isso é fundamental para a organização social. Ao usar da história, desmistifica algumas concepções de teorias psicológicas sobre o desenvolvimento humano e pondera, sobretudo, como a própria vida humana se transforma num instrumento de classificação social. Sua acuidade na análise linguística traz questões de cunho social muito significativas, pois descreve as experiências cotidianas, que se materializam à singularidade da vida. Com efeito, as idades da vida situam-se por tempos bastantes delimitados. A idade da *in-fans* - termo de origem latina que se remete àquele que está destituído de linguagem:

A primeira idade é a infância, que planta os dentes e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os 7 anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de

enfant (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras [...] Após a infância vem a segunda idade...chama-se *pueritia* e é assim chamada porque nessa idade a pessoa é ainda como a menina do olho [...] essa idade dura até os 14 anos (ARIÈS, 2014, p.6-7).

Quanto à idade juventude:

A terceira idade é chamada adolescência [...] que dura até os 28 anos e pode estender-se até 30 ou 35 anos. É chamada adolescência pois a pessoa é bastante grande para procriar, e os membros estão aptos para receber força e vigor do calor natural. Depois segue-se a juventude, que está no meio das idades e dura até os 45 anos. Essa idade é chamada juventude devido à força que está na pessoa, para ajudar a si mesma e aos outros[...] (idem).

Quanto à fase adulta:

Depois segue-se a senectude, que indica a pessoas está no meio do caminho entre juventude e velhice. [...] A velhice, segundo alguns até os 70, e segundo outros não tem fim até a morte. É chamada assim porque as pessoas velhas já não têm sentidos tão bons como já tiveram (idem).

Nesta descrição, organizada propositalmente em 3 parágrafos, nota-se que essa compreensão irá respaldar os sentimentos e concepções que se tem na atualidade sobre as convenções das etapas da vida, que em maior ou menor graus, são consequências, hoje, de posturas, dilemas e posicionamentos entre as relações de famílias e dos fenômenos sociais.

O eixo central das discussões problematizadas por Ariès, resumidamente, situam-se em torno de duas grandes teses: o sentimento pela infância e a vida privatizada das crianças. Quanto ao sentimento sobre a existência da infância, registra-se que ocorre a partir do séc. XIII. No entanto, algo pertinente a destacar é que a especificidade da infância não era considerada, isto é, não era atribuído valor à presença das crianças. Para Ariès, isso não significa que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. E,

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (ARIÈS, 2014, p.99)

Conforme observa Ariès, partir das imagens estampadas nas pinturas da época, “a vida quotidiana das crianças estava misturada com os adultos, e toda reunião para o trabalho, o passeio ou o jogo reunia crianças e adultos” (ARIÈS, 2014, p.21). A evidência dessa indiferença à presença da criança não se verifica apenas nas imagens, mas também nos trajes que utilizavam até o século XIII, comprovando o quanto a infância era pouco particularizada na vida real:

Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno do seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres de sua condição. [...] a idade média vestia indiferentemente todas as classes de idades [...]. Nada no traje medieval, separava a criança do adulto (ARIÈS, 2014, p. 33)

As representações sociais da criança presentes na iconografia alegórica a partir do séc. XIV retratam uma criança não estáticas de personagens simbólicas apenas, como nas representações religiosas do menino Jesus no século XI, mas com cenas de gênero e pinturas anedóticas, cujos personagens mais frequentes nessas pinturas, eram as crianças:

A criança com sua família; a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a criança na multidão; mas ‘ressaltada’ no colo de sua mãe ou segura pela mão, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou aos martírios, ouvindo prédicas, acompanhando os ritos litúrgicos, as apresentações ou s circuncisões; a criança aprendiz de um ourives, de um pintor, etc.; ou a criança na escola. (ARIÈS, 2014, p.21)

Ariès realiza uma verificação dos registros de um diário médico que permite conhecer as rotinas das brincadeiras e etapas do desenvolvimento de uma criança. Consta-se que o brincar não era uma atividade restrita apenas às crianças, pois “não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos. Os mesmos jogos eram comuns a ambos” (ARIÈS, 2014, p.46).

No que diz respeito à vida particularizada das crianças, outra grande tese de Ariès, refere-se ao fato de que as crianças foram confinadas ao universo do adulto. Os lugares de convivência passam a ser institucionalizados, e isto resulta na retirada da criança de seu espaço público e suas vidas passaram a ser privatizadas, ora pelos pais, ora pela escola. Houve, sobretudo, um novo interesse por parte dos educadores do século XVII em relação à infância. Este sentimento moralista inspirou toda educação até o século XX, em todos os setores da sociedade, pois “o apego à infância e sua particularidade não se exprimiu mais através da distração e da brincadeira, mas por meio do interesse psicológico e da preocupação moral” (ARIÈS, 2014, p.104).

O sucesso das instituições escolares e as práticas de educação que proliferavam a partir dos reformadores, dos fundadores de colégios do fim da Idade Média, conseguiram impor um sentimento que orientava para a necessidade de disciplina, por que era necessário corrigir toda leviandade da infância e da juventude, logo, era necessário conhecer melhor sobre ambos. A escola, como consequência, assume o papel de muitas famílias (ARIES, 2014).

Segundo Ariès, esse novo sentimento, apesar de parecer uma conduta precedida pela rigurosidade, configura-se como uma séria e autêntica atenção em relação à infância, que antes era percebida apenas como um período de distração e papricagem por parte dos adultos, mas que agora torna-se uma preocupação de todos adaptar-se ao universo da criança a fim de desenvolvê-la para a racionalidade. Alguns conselhos civis, por isso, eram bastante expressivos, aplacando a severidade e tom austero que às vezes esse ato disciplinar lhe impunham:

“As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade deitas de tempos em tempos as comovem e as conquistam. Algumas carícias, alguns presentinhos, algumas palavras de confiança, e cordialidade impressionam o seu espírito, e poucas são as que resistem a esses meios doces e fáceis de transformá-las em pessoas honradas e probas⁹” (ARIÈS, 2014, p.104)

Essa nova descoberta para a ser adotada também pelas famílias que também se dedicam a “preservar” e “disciplinar” as crianças. Logo, perde-se a noção de quanto elas são necessárias para a sobrevivência da própria sociedade e suas rotinas, para além de institucionalizada, tornam-se separadas. Isto é, as crianças ficam isoladas do convívio social que envolva a vida dos adultos.

Nas etapas da vida descritas por Ariès, percebe-se o quanto os dilemas da vida capitalista na atualidade são evidentes, pois antes a vida social das crianças era permeada pelos costumes dos adultos. As habilidades, experiências e serviços aprendidos pelas crianças permaneciam graças à convivência mútua, onde as atribuições eram repassadas naturalmente.

Com efeito, a criança quando assumiu uma posição restrita na sociedade ficou condicionada à essas duas instâncias sociais - a família e a escola - as quais lhes atribuem responsabilidades sob à perspectiva de um projeto capitalista¹⁰. Nesse sentido, as crianças precisam serem “preparadas” para a sociedade, como se fossem mercadorias. Logo, desconsidera-se o fato de que elas já participam dos sistemas sociais, mas ficam à deriva aguardando uma oportunidade até que seja “madura” o suficiente. Mas, sobre qual suficiência se considera? Exige-se que as crianças estejam aptas para agir, pensar, opinar e relacionar? Elas não sabem fazer isso?

⁹ Esta citação refere-se ao depoimento do conselheiro Goussault, em *Le Portrait d'une honnête femme*, 1693.

¹⁰ A essência do projeto capitalista é o *capitalismo*, entendido por Giddens (1991) como um sistema de produção de mercadorias sobre a relação entre a propriedade privada do trabalho e o capital assalariado sem posse de propriedade. Nesta relação forma-se o eixo principal de um sistema de classes. Este empreendimento depende da produção para mercados competitivos (GIDDENS, 1991).

As pistas descritas por Ariès nos permitem problematizar e entender como a infância foi e continua sendo indispensável para a sobrevivência do capitalismo na atualidade, uma vez que se pensa desde a Idade Média a educação como moralização da infância. Esta preocupação psicológica e moral, corresponde a um tempo de “ensino” capaz de curar o homem da infância e juventude, idades de imperfeições, sob todos os aspectos (ARIÈS, 2014).

Até mesmo a atividade lúdica passou a ser institucionalizada na modernidade tardia. O brincar da criança se configura como uma tarefa privatizada e muitas das atividades que lhes são atribuídas acabam por ocuparem os tempos livres que a criança possa ter com o propósito de prepará-la para a vida e mercado social. A subjetividade da criança fica capturada, e originada pelas novas estruturas e demandas sociais da modernidade, mescla-se nas relações sociais.

Essa lógica capitalista se estende aos nossos dias, uma que vez a escola educa na perspectiva de “preparar” ou “formar” cidadãos maduros para a vida social. Sob este olhar os questionamentos pertinentes que surgem são: A escola está realmente preparando alunos, sob a perspectiva de cidadãos críticos para a autonomia? As metodologias de ensino vigentes são transformadoras ou se constituem apenas de uma mera reprodução de um sistema que favoreça o interesse de alguns segmentos? Estas questões abrem caminhos para reflexões em que se perceba a vida de crianças e jovens hoje.

Embora relevante, muitos críticos apontam o trabalho de Ariès como limitado, por retratar apenas a realidade de crianças de classes superiores. Pollock (1986) apud Buckingham (2004) pondera que as evidências apresentadas em sua pesquisa talvez revelem mais sobre as mudanças nas convenções da representação artística do que sobre as mudanças na realidade social. Porém, para que se problematize o tema considerando também esta posição se faz necessário uma contextualização temporã, que será abordado a seguir.

INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

Os estudos sociais da infância apontam para a necessidade de considerar a complexidade da estrutura social e das atividades coletivas das crianças, em detrimento de focalizar o desenvolvimento de resultados, como nas teorias construtivistas. O desenvolvimento social da criança é sempre o resultado de suas ações coletivas e sua localização cultural na sociedade. É a linguagem a ferramenta de participação na cultura e o princípio da apropriação pelo indivíduo (cf. CORSARO, 2011).

A primeira função da linguagem é a comunicação, um meio de expressão e compreensão entre os homens, que permite o intercâmbio social. Por essa razão, o pensamento da criança evolui em função do domínio dos meios sociais do pensamento, quer dizer, em função da linguagem” (VYGOTSKI, 1993 apud FACCI, 2004).

Corsaro (2011) postula que a socialização da infância não ocorre apenas na adaptação e internalização da criança ao adulto, mas num processo de apropriação, reinvenção e reprodução. O que deve ser valorizado é a importância da atividade coletiva, pois é no compartilhamento e nas negociações que as crianças promovem cultura entre os adultos e entre si (JENKS e PROUT, 1998 apud CORSARO, 2011). Nesse aspecto, os processos de socialização cada vez mais complexos, ocorrem a partir do momento em que as crianças de menor idade se comunicam começam a passar grande parte do seu tempo fora do contexto familiar (PROUT, 2004 apud DELGADO, MULLER, 2005), pois a socialização é um trabalho do ator socializado que experimenta o mundo social.

E apesar de as famílias representarem uma estrutura social como primeira rede de contatos, de fundamental importância sobre a vida da criança nas suas relações, a socialização não depende exclusivamente da família. Pode-se dizer que este processo se amplia quando a criança vai para o ambiente escolar bem cedo, porque os pais têm que trabalhar fora, e ali aprendem a compartilhar suas coisas, e a se relacionar com outras crianças da sua idade. Cada uma leva para seus aprendizados e vivências de casa, e acaba passando isso para seus colegas, sejam eles adequados ou não, assim como absorve o que observa e lhe agrada do outro. A interação social do mundo moderno que deu origem à “[...] necessidade de cuidados externos [para a criança] aumentou drasticamente nas sociedades ocidentais, no início da década de 1960, uma vez que mais mulheres passavam a integrar o mercado de trabalho” (CORSARO, 2011, p. 131).

De acordo com Hall (2014), as constituições do sujeito contemporâneo são fragmentadas e compostas de várias identidades. Logo, o indivíduo na sociedade atual não está mais estável e unificado, mas é um projeto múltiplo e híbrido que assume diversas identidades em cada instância social. Assim, diante do mundo globalizado se pode observar que há múltiplas e variadas possibilidades de representações de identidades do indivíduo. A internet, se consolida como um dos espaços mais férteis para que essa construção se desenvolva, porque é um espaço comum a todos, onde há variedade de linguagens e representações sociais manifestas (SOBRINHO, 2015; HALL, 2014).

Essa fragmentação também é percebida nas teorias do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que salienta não há identidade em si, mas um movimento em direção a alguma coisa ainda indeterminada. Sobre essa visão particularizada de subjetividade o autor reitera,

“Se você fica instigando a declarar a minha identidade (ou seja, o meu “eu postulo”, o horizonte em direção ao qual eu me empenho e pelo qual eu avalio, censuro e corrijo os meus movimentos), esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí...” (BAUMAN, 2005, p. 21)

Adentrando ao aspecto das crianças em relação as mídias, Buckingham (2004), um pesquisador contemporâneo que muito tem contribuído nas teorias sobre a infância problematiza este campo de estudo. No livro *Crescer na Era das Mídias Eletrônicas*, o autor oferece uma revisão crítica e equilibrada das pesquisas e debates sobre o tema. Para Buckingham (2004), a infância é uma construção social, cujas definições são oriundas de noções coletivas, resultantes de processos sociais e discursivos sobre as crianças:

“A infância é variável – histórica, cultural e socialmente variável. As crianças são vistas – e veem a si mesmas – de forma muito diversas em diferentes períodos históricos, em diferentes culturas e em diferentes grupos sociais. [...] O significado de infância está sujeito a um constante processo de luta e negociação, tanto no discurso público (mídia, academia e nas políticas públicas) como nas relações pessoais, entre colegas e familiares” (BUCKINGHAM, 2004, p.10).

Percebe-se que a infância, privatizada aos moldes da escola e da família, vem sendo institucionalizada na sociedade não por representar discursos incoerentes ou sem consistência, mas por apresentar definições claras sobre as responsabilidades que as crianças devem estar submetidas nas rotinas e relações sociais entre os adultos e elas mesmas. No entanto, mesmo diante do que está estabelecido, seja por pais ou professores, as crianças costumam desafiar e negociar essas definições, às vezes não de maneira direta, mas através de táticas. Por esta razão, tratar de infância é considerar seu significado “um termo mutável e relacional, que se redefine constantemente” (BUCKINGHAM, 2004, p.10).

A representação da infância na contemporaneidade, segundo Buckingham (2004) não é neutra, mas advém de um processo histórico e cultural que evolui constantemente, por vezes marcado por discursos *sobre* crianças direcionado para adultos; e *para* crianças produzidos por adultos, porém fora do alcance delas. Esta conduta, justifica-se pela necessidade de proteção e preservação de uma pureza inata que precisa ser supervisionada e disciplinada. Paira, deste modo, uma permanente definição adulta de infância no complexo eixo das influências entre o positivo e o negativo, mas que, no entanto, são repressivas e reprodutivas.

Na perspectiva das influências sob o cotidiano das crianças “[...] a tecnologia de modo geral é vista como responsável pelas transformações nas relações sociais, do funcionamento da mente e das concepções básicas de conhecimento e cultura e – o que é crucial neste contexto – pela transformação do que significa aprender, e ser criança” (BUCKINGHAM, 2004, p. 33).

As mídias, especificamente, de acordo com Buckingham (2004), parecem na atualidade como responsáveis pelo apagamento das fronteiras entre infância e idade adulta e, conseqüentemente, por um abalo na autoridade dos adultos. Desse modo, teóricos argumentam que há um crescente abismo de gerações no uso das mídias e que a experiência dos jovens com as novas tecnologias (especialmente com os computadores) está cavando um fosso entre sua cultura e a da geração de seus pais. Longe de apagar as fronteiras, as mídias são vistas aí como responsáveis por um fortalecimento delas – apesar de agora serem os adultos aqueles que se acredita terem mais a perder, uma vez que a habilidade das crianças com a tecnologia lhes dá acesso a novas formas de cultura e comunicação que, em grande parte, escapam ao controle dos pais.

Diante deste dualismo, Buckingham (2006) apresenta um debate crítico sobre o contexto das mídias nas relações e interação com as crianças, com argumentos bastante distintos. Por um lado, teóricos como David Elkind (1981), Marie Winn (1984) e Neil Postman defendem a tese de ‘morte da infância’. Diante dos avanços dos recursos tecnológicos midiáticos desencadeou-se um ‘apressamento da infância’. Elkind (1981), por exemplo, propõe que o amadurecimento da infância deva ser lento, seguindo um ritmo próprio. Apoiado no modelo do desenvolvimento infantil de Piaget, ele argumenta que

[...] as crianças só aprendem verdadeiramente quando estão prontas para fazê-lo. Forçá-las a passar por cima de estágios em seu desenvolvimento tornará muito mais difícil para elas estabelecerem um sentido seguro de sua identidade pessoal, deixando-as despreparadas para as dificuldades da adolescência. (BUCKINGHAM, 2004, p. 19)

Winn *apud* Buckingham (2004), caracteriza uma crescente epidemia de problemas sociais que afetam as crianças e que a perda de controle por parte dos pais e da família nuclear e culpa a liberdade concedida as crianças, e especialmente que o acesso desregrado a televisão como consequência da desapropriação desse período de infância, uma vez que a criança substitui o brincar por assistir. Tanto Elking como Winn veem nas mídias o grande vilão que desregula a infância e são, porém, saudosistas à uma referida Era de Ouro da Infância e reconhecem uma necessária mudança na história. Entretanto, “ambos acabam caindo

novamente na infância como um fenômeno natural, visto implicitamente como atemporal” (BUCKINGHAM, 2004, p. 20)

Segundo Postman *apud* Buckingham (2006), a preocupação se concentra no conteúdo sob qual as crianças estão submetidas. E atribui à tecnologia, especificamente a imprensa, a causa de um “florescimento da infância” desnecessário; e entende que a televisão está corrompendo a pureza das crianças, revelando os “segredos” da idade adulta tornando-os perceptíveis, como consequência atribui um desaparecimento do período da infância a esse fenômeno.

Diante do exposto, nota-se que os argumentos aqui apresentados não refletem diretamente a percepção das crianças sobre o meio em que estão inseridos. O fato de atribuir às mídias eletrônicas um singular poder de explorar a vulnerabilidade das crianças e de abalar sua individualidade, ou mesmo, destruir sua inocência, retrata mais diretamente muitos dos medos e desejos que os adultos sentem em relação a infância.

Uma nova perspectiva contemporânea, segundo Buckingham (2006), aponta que a tecnologia digital também é ambivalente. Apesar de muitas visões negativas pelo uso das novas tecnologias digitais, que atribui tanto a crianças como jovens, o acesso a violências e demais conteúdos considerados adultos, em contraste, há um debate positivo que atribui as novas mídias um perfil mais democrático e menos autoritário nas relações sociais. Avalia-se que elas engendram novas formas de consciência e os levam para além da limitada imaginação de seus pais e professores. Por isso, Buckingham argumenta:

Longe de serem vítimas passivas das mídias, as crianças passam a ser vistas como dotadas de uma forma poderosa de ‘alfabetização midiática’, uma sabedoria natural espontânea de certo modo negado aos adultos. As novas tecnologias de mídia, em especial, são consideradas capazes de oferecer as crianças novas oportunidades para a criatividade, a comunidade, a auto realização (BUCKINGHAM, 2004, p 30).

Buckingham (2004), considera que os ambientes midiáticos nos quais a criança está inserida estão cada vez mais difusos. A questão de as crianças serem vistas como um público ‘ativo’ ou como vítimas ‘passivas’ das mídias não pode ser respondida de maneira abstratas, mas por meio de uma investigação que leve em conta as diversas maneiras com que os públicos usam e interpretam as mídias, e os contextos sociais em que o fazem.

Neste sentido, se pode perceber que apesar de diferentes concepções, todos que analisam constroem histórias da infância e parecem convencidos de que estamos atravessando um período de mudança intensa e de longo alcance, tanto no que diz respeito aos conceitos

dominantes de infância quanto à própria experiência vivida pelas crianças” (BUCKINGHAM, 2004, p.41).

Entretanto, de acordo com Salgado (2005), não é possível refletir sobre a infância sem perpassar pelo universo do adulto, pois ambas estão atravessadas e se resinificam constantemente.

A infância e a vida adulta, são categorias que estão fortemente interligadas, de modo que não há como uma sobreviver sem a outra. Mudanças na infância provocam mudanças na vida adulta ou vice-versa. É nesse sentido que as posturas extremas ou essencialistas sobre a infância contemporânea, ao congelarem tanto a criança quanto o adulto, não consideram as diversas infâncias com que nos deparamos pelo mundo afora e as alterações que a cultura, a história, as condições econômicas e sociais não cessam de provocar nos modos de ser criança e adultos. (MAYALL e ZEIHNER, 2003 *apud* SALGADO, 2005, p.65).

Corsaro (2011), afirma que apesar de muitos estudos criticarem negativamente a influência da mídia sobre a criança, sabe-se pouco como elas negociam o que veem; e como se apropriam, usam e entendem as informações da mídia. Parece então, que nesta relação estabelecida como fronteira na dicotomia adultos/crianças, subestima-se as diversas maneiras pelas quais a própria criança pode dar sentido à mídia e relacioná-la as suas próprias experiências.

No mundo contemporâneo, Salgado (2005), ainda salienta que as experiências sociais e culturais, atravessadas pela mídia e o consumo, tem provocado nas crianças outras formas de desenvolvimento e aprendizagem. Essas experiências são “fortemente marcadas por diálogos com outras crianças que habitam o mundo virtual e têm como características marcantes a autonomia e o desafio à tutela adulta” (SALGADO, 2005, p.66), afirma.

Na prerrogativa de intensificar esse excerto de um extensivo debate, faz-se necessário apresentar o ambiente atual de um novo perfil de criança, ora ventilado.

CRIANÇAS NAS MÍDIAS DIGITAIS

Este cenário de mudanças, em que as mídias digitais despontam como a mais expoente das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), está reconfigurando práticas de comunicação e interação social no cotidiano de crianças e adolescentes usuários da rede (BELLONI, 2007 *apud* BARBOSA, 2014).

Atendo-se ao contexto brasileiro, uma forte tendência neste ambiente midiático é que os espaços virtuais tenham cada vez mais uma participação significativa de crianças e jovens. De acordo com a pesquisa desenvolvida por Barbosa (2014), a TIC Kids Online Brasil 2013,

o Facebook é apontado como a rede social mais utilizada por crianças e jovens. Essa pesquisa foi realizada com uma amostragem de 2.261 crianças e adolescentes usuários de Internet e seus pais ou responsáveis em diversos estados brasileiros. Os resultados revelaram que há alguns anos as crianças tomam conta das redes sociais.

A presença de crianças e adolescentes brasileiros em redes sociais ampliou em 2013, para 79% dos usuários de Internet entre 9 e 17 anos que possuem perfil próprio no site da rede social que mais usam, um aumento de 9 pontos percentuais em relação a 2012 (70%). Entre os que possuem o próprio perfil, 77% apontam o Facebook como a principal rede social utilizada. No que se refere a outras atividades realizadas por crianças e adolescentes na Internet, destacam-se: usar Internet para trabalho escolar (87%), assistir a vídeos (68%) e baixar músicas ou filmes (50%).

Um dado relevante é a quantidade de crianças abaixo da idade mínima recomendada pela rede. Segundo levantamento do instituto Consumer Reports, mais de 7,7 milhões de crianças abaixo de 13 anos estão na web. De acordo com a Declaração de Direitos e Responsabilidades do Facebook¹¹, os usuários menores de 13 anos são orientados a não o utilizarem. Entretanto, transpondo tal orientação, burlam sua idade para se cadastrarem na rede social (OLIVEIRA, D. R. et al., 2013). Isso representa um dado significativo para justificar a necessidade desses sujeitos de afirmar suas escolhas e manifestar identidades sociais no ambiente em que estão inseridos, demarcando o território em que se situam as constituições subjetivas.

Em 2014, a segunda onda desta mesma pesquisa, apontou uma característica que é própria das tecnologias midiáticas, um cenário em mudanças. A principal causa da variante é que:

Ao longo dos últimos anos consolidou-se ao redor do mundo uma tendência do uso de internet por meio dos dispositivos móveis – o que tornou a rede mais acessível a crianças e adolescentes e tem modificado de forma importante a experiência delas – *online*. (VICENT, 2015 apud BARBOSA, 2015).

Segundo Barbosa (2015), além do aumento de crianças e adolescentes usuários de internet para 82%, a grande evidência é a utilização de dispositivos moveis (*smartphones*), sendo 52% das crianças e adolescentes brasileiros de 9 a 16 anos que já acessaram a Internet de um celular ou smartphone.

Essa nova prática resignifica as identidades e práticas sociais, especificamente entre as crianças e jovens, o maiores consumistas e promotores destes e outros tantos aparatos

¹¹ <https://pt-br.facebook.com/legal/terms>

tecnológicos. Hall (2014), pondera que as identidades sociais se constituem a partir das novas concepções que se adquirem com o pensamento moderno, que descentralizam o sujeito. Isso por que as transformações associadas à modernidade libertam o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas. As concepções de identidade estão ligadas às questões de consciência, a partir de símbolos, sentidos e mundos culturais que o sujeito habita (HALL, 2014).

Para Hall (2014), essa fragmentação é tida como a morte da identidade social contemporânea pois ela se torna móvel: “formada e transformada continuamente em relação aos modos pelos quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1997, p.13).

Todas as transformações estão fragmentando as concepções culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia raça e nacionalidade. Assim, o processo de identificação, projetados nas identidades culturais são provisórios, variáveis e por vezes problemáticos, uma vez que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2015, p. 12).

Considerando essas visões, analisa-se que a criança, que ainda não tem a condução dessa imagem sobre si, se vê e imagina refletida, literalmente no espelho, ou figurativamente a partir do olhar do outro. Nesse aspecto, a socialização ou mesmo a interação social é uma questão de aprendizagem consciente. “A formação do “eu” no “olhar” do “outro”, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma e é, assim, o momento de entrada nos vários sistemas de representação simbólica” (LACAN, 1977, apud HALL, 2015, p. 24).

Nessa perspectiva observa-se que a divulgação de autorretratos na internet constitui-se como uma formulação da identidade e da necessidade da opinião do outro, pois “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (idem).

A partir destas concepções, apresentam-se novos caminhos para os estudos sobre infância na contemporaneidade e ao avanço teórico sobre a inserção das crianças nas mídias.

APONTAMENTOS FINAIS

É inegável a inserção social da criança, que desprendida dos moldes cristalizados ao longo da história, manifesta-se como um indivíduo ativo, por vezes como incapaz de assumir algumas responsabilidades garantidas para adultos, à espera do amadurecimento. Sobretudo,

despontando-se como fenômeno cultural que emana toda criatividade, atenção e interesse a criança configura-se como um sujeito social participante. É fato, que ainda que permeado por tensões, o universo em que a criança se insere, hoje, remonta ao fato de ela ser necessária, percebida e não menos importante que outras categorias socialmente convencionadas.

Esta análise, permitiu encontrar vestígios e fundamentações para decifrar sobre como a criança evoluiu em seu comportamento social e o quanto atualmente está marcada pela identidade múltipla, porém, tão relevante quanto o universo do adulto. Com efeito, abrem-se caminhos para aprofundar os conhecimentos sobre as manifestações culturais de crianças e jovens na internet, na direção de melhor entender como elas ressignificam as suas produções (*imagens, textos e vídeos*) nas mais variadas redes sociais virtuais (*Facebook, Instagram, Youtube, entre outros*), como ferramenta sobre a qual se articulam, entendem a si mesmos e estabelecem relações entre seus pares (*família, professores, amigos, etc*).

Ao problematizar a maneira que a criança utiliza a internet para mídias sociais, permanece muitas vezes, a discussão sobre o que ela deve ou não ter acesso. Entretanto, no recorde de interesse nesse estudo, ou seja, a publicação de autorretratos - “selfies” – pelas crianças, seja para expor um ambiente coletivo ou ampliar visibilidade nas relações sociais entre amigos, há que se levar em conta as múltiplas possibilidades e variantes que as envolvem, a fim de entender quais papéis e valores atribuem a esse fenômeno cultural, por meio de entrevistas que exponha estas impressões. Cabe, então aprofundar-se nesse universo contínuo para melhor ilustrar essa inter-relação: a criança na mídia e a mídia sob o controle da criança.

No ambiente escolar, com experimentos em sala, pode-se delinear novos campos de pesquisa. Um estudo recente desenvolvido por Lima (2015), revela a publicação de selfie como um recurso pedagógico para desenvolvimento social entre alunos e professores. “Mais que um ato fotográfico, a selfie, constitui-se ferramenta que permite o afloramento da espontaneidade, o combate a timidez e uma oportunidade de constituir as subjetividades e possibilitar autonomia da criança por meio da interação social”. E ainda, o contar histórias, a integração e todo processo de ensino-aprendizagem se consolidam em um caráter muito mais dinâmico e promissor (LIMA, 2015, p. 86-88).

Este estudo não termina aqui, mas permite trilhar toda evolução contida em uma teoria não abstrata, mas notória. A questão da relação entre as crianças e as mídias digitais, bem como o processo de evolução de sua visibilidade ao longo da história são aspectos culturais que atravessam a infância na contemporaneidade, por envolver questões muito complexas.

Insta-se, então, a necessidade de refletir sobre a descoberta da infância e como esse novo tratamento dado à criança tem consolidado posicionamentos dos mais díspares possíveis. Sobretudo para problematizar sobre a vida escolar, as relações entre adultos/crianças no mundo globalizante, as percepções e novas configurações de família a partir do que foi historicizado por Ariès.

No que diz respeito à mídia, às redes digitais especificamente, é notório como este ambiente está em crescente domínio por parte da criança e não há como fugir dessa realidade. Cabe a todos, especialmente os adultos, considerarem sempre as experiências vividas pelas crianças. Pois estas sim traduzem os melhores sentidos sobre elas mesmas. Isso não quer dizer que se deve suprimir suas responsabilidades, mas reposicioná-las para resignificar com maestria as mais variadas culturas existentes em que as crianças se inserem.

Conclui-se, portanto, que este artigo contribuiu para o avanço dos estudos que promovam a qualidade de vida na infância, que é uma das categorias sociais sob os holofotes da mídia. Espera-se que pesquisas deste cunho, parafraseando Corsaro, contribuam para reconfigurar a criança como capaz de não apenas se tornar *melhor adulto*, sob uma perspectiva futurista, mas *melhor criança* no presente.

REFERÊNCIAS:

ARIÈS, Phillip. História Social da Criança e da Família. Tradução de Dora Flaksman. 2.ed, Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BARBOSA, Alexandre F. **TIC Kids Online Brasil 2013 [livro eletrônico]: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. 1,72 Mb; PDF.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias: após a morte da infância**. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FACCI, M. G. D. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, abril 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20092.pdf> , Acesso em 14/08/2015.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LIMA, Diana Aparecida de. **Num mundo de selfies: a fotografia como recurso pedagógico para a educação infantil**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nuria Pons Vilardell Camas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2015.

OLIVEIRA, D. R. et al. **Facebook e Infância: preferências de uso pelas crianças**. NEHTE / Programa de Pós-Graduação em Letras. Anais Eletrônicos - UFPE. 2013. Disponível em <<http://neh.te.com.br/simposio/anais/simposio2013.html>>. Acesso em 10/01/2016.

PERALVA, A. (1997). O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação - Juventude e Contemporaneidade, (n. spe., 5-6), 15-36.

SOBRINHO, P. J. Meu selfie: a representação do corpo na rede social Facebook. Artefactum, n.1, 2014. Disponível em: www.artefactum.rafrom.com.br/artefactum ou www.revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos. Acessos em: 15 março 2016.

SALGADO, Raquel Goncalves. Ser criança e herói no jogo e na vida, o brincar e os desenhos animados. (Tese de doutorado). Orientadora: Solange Jobim e Souza - Rio de Janeiro: PUC Rio, Departamento de Psicologia, 2005.

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jéssica Fernanda R. Franco¹

Janainna Fernnanda da Silva Souza Castro²

RESUMO

A história da educação infantil brasileira em sua gênese baseou-se em conflitos entre os diferentes fatores sociais inseridos na dinâmica educacional, tanto na construção da prática pedagógica, como na construção dos espaços de ensino. Diversas contradições surgiram dadas a esses conflitos, dentre eles a falta de uma educação que contemplasse crianças com transtornos, dentre elas aquelas diagnosticadas com TDAH. Porém nas últimas décadas, surgiu uma preocupação com a qualidade do ensino para os diversos grupos populares, atingindo diretamente as crianças com maiores dificuldades de aprendizagem, entre elas, temos as crianças que tem o diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) abordadas no presente estudo. O artigo tem por objetivo principal compreender quais são as práticas pedagógicas dos professores que atuam na escola na modalidade educação infantil, que busca por promover a aprendizagem da criança diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e seu envolvimento com as ações propostas para o desenvolvimento da aprendizagem dessas crianças, com a finalidade de contribuir para a formação social tanto das crianças, na interação de umas com as outras, com ou sem transtorno, bem como dos professores. Ao lado disso, proporcionar a reflexão das práticas de ensino desses mediadores de conhecimento, a fim de fazer com que eles reconstruam-se o tempo todo, tanto como profissional, quanto pessoa, resultando assim, em uma superação dos resquícios históricos ainda existentes na atual educação infantil no Brasil.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – Educação Infantil – Professor.

ABSTRACT

The history of Brazilian early childhood education in its genesis was based on conflicts between different social factors inserted in educational dynamics, both in the construction of pedagogical practice, as in the construction of educational spaces. Several contradictions arose given to these conflicts, including the lack of an education that considered children with disorders, among them those diagnosed with ADHD. But in recent decades it emerged a concern with the quality of education for the various popular groups, directly reaching children with major learning difficulties, among them, have children who have the diagnosis of Attention Deficit Disorder Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) addressed in the present study. Where its main objective to understand what the pedagogical practices of teachers who work in schools in the form children's education, which seek to promote the learning of children diagnosed with Attention Deficit Disorder Attention Deficit Hyperactivity Disorder and his involvement with the actions proposed for the development of

¹ Graduanda do Curso do 8º semestre de Pedagogia

² Professora de Psicologia Escolar da Faculdade Eduvale. Possui Especialização em Educação Inclusiva. Trabalha como Psicóloga Forense no Fórum da Comarca de Rondonópolis

learning of these children, in order to contribute to the social education of both children, in interaction with each other, with or without disorder, and teachers. Beside this, provide the reflection of the teaching practices of these mediators of knowledge in order to do what they rebuild themselves all the time, both as a professional, the person, resulting in an overrun of the historical remnants still exist in current early childhood education in Brazil.

Keywords: Deficit Disorder Attention Deficit Hyperactivity Disorder - Children's Education - Teacher.

INTRODUÇÃO

Para entender a importância da educação é necessário compreender seus processos históricos, no sentido de elaborar propostas coerentes onde “os erros cometidos não se repitam e acertos de outros sirvam de base para que amadureçam as propostas educacionais” (RIBEIRO, 1993, p.28). Neste aspecto os processos que estimularam os atuais modelos de educação existentes no Brasil remetem a realidades com oposições por serem pautadas em interesses de uma classe dominante em perda de uma classe menos favorecida.

Partindo desse contexto, a prática pedagógica deve possuir um olhar aperfeiçoado ao reconhecimento das diversidades existentes nos ambientes escolares, permeadas por problemáticas históricas e atuais. Para que assim, de acordo Palmeiro (2010, p.80) haja “uma identidade profissional positiva na procura de modelos de profissões de saberes e estratégias que lhe permitam ter uma melhor e mais eficaz intervenção em sala de aula”, trazendo com isso mudanças importantes aos modelos de educação que logo transformará o ambiente de ensino, a própria escola e, conseqüentemente, a sociedade.

Desse modo, a escola agregada ao papel do professor passa a ser notada como um espaço de continuação do convívio social da criança, por permitir “inúmeras vivências não só no âmbito do aprendizado pedagógico, mas na convivência e socialização” promovendo a inclusão de diversos indivíduos (VIANA, 2013 p. 751).

Pensando nesta inclusão há alunos com diversas características, sendo assim, têm as crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, que por muito tempo teve suas dificuldades ignoradas dentro das instituições de ensino, por muitas das vezes se apresentarem como “desafios a rotina escolar” (SANTOS e VASCONCELOS, 2010). Além disso, a falta de informação e preparação dos mediadores de conhecimentos foi uma das barreiras que os mesmos encontraram para conseguirem lidar com essas crianças, mas que atualmente, dentro do ambiente escolar tem encontrado formas de poder alcançar essas crianças, mesmo que intuitivamente, diagnosticar ou identificar crianças que apresentam

comportamentos que seguem os padrões do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Não se pode falar de futuro sem observar e ter cautela nas transformações dos processos educativos. O que acaba por promover espanto aos profissionais inseridos nesse universo, pois muitos profissionais estão enraizados a visões tradicionalistas de que a criança deve ser passivo mediante aos conhecimentos transmitidos por ele. Afinal o que é a educação? Como defini-la? Para Gadotti (2000) a educação abarca todo o processo de desenvolvimento individual, inclusive com a reconstrução do professor enquanto sujeito, com enfoques para o social, político e ideológico. Essa perspectiva está inserida nas visões de Dourado e Oliveira e Santos (2007) que aponta a prática social como essência da educação.

E numa visão integradora “a educação é a ação que serve de base para transformarmos a sociedade, com o objetivo de capacitar indivíduos de maneira integral [...] que lhes permitam formar um novo valor dos conteúdos adquiridos, significando-os em vínculo direto com o cotidiano” (CALLEJA, 2008 p.110). Mas num âmbito geral, as transformações dentro da educação vêm mudando seus enfoques, sendo necessário perceber as suas concepções e variantes de origem para então compreendê-la.

As primeiras formas de se fazer educação no Brasil foram inseridas pelos jesuítas em seu processo de catequização dos povos indígenas que aqui viviam, neste momento fazia-se uma educação humanística de caráter espiritual e se acreditava que se podia fazer ciência neutra. Com a saída dos jesuítas as mudanças não foram significativas, o autor Ribeiro (1993) afirma que “o ensino continuou enciclopédico, com objetivos literários e com métodos pedagógicos autoritários e disciplinares [...]” (p.16), sendo essa forma de ensino uma tendência que se percebeu pelos séculos posteriores.

Transformações foram sendo inseridas, porém, o caráter autoritário com o intuito de doutrinar as classes menos favorecidas em prol dos interesses econômicos permaneceram, mesmo com o surgimento da classe burguesa industrial que traziam influências do iluminismo europeu. Neste aspecto, a partir de 1834 através de um Ato Institucional a educação primária e média passa a ser responsabilidade das regiões, porém o descaso com a qualidade do ensino abriu caminho para uma nova forma de seletividade, com o surgimento das instituições de ensino privado que favoreceu então ao que Ribeiro (1993) denomina de “elitismo educacional”. Essas características da educação passaram a ser evidenciada a partir dos anos 20 do século passado, por meio de denúncias feitas por educadores da denominada “escola nova” que defendiam obrigatoriedade e o ensino universal e gratuito como a reforma dos sistemas escolares.

Com o fim da República Velha o pensamento católico-conservador passa a impedir os avanços trazidos pelas propostas dos escolanovistas, com a instauração dos modelos econômicos com perspectivas voltadas ao desenvolvimento industrial e econômico. Desse modo, novamente as funções de ensino são modificadas em favor dos interesses políticos e de classes dominantes, surgindo com isso uma doutrina liberal que utilizava da educação como instrumento de “ajustar o indivíduo a sociedade” (RIBEIRO, p.25, 1993). O surgimento da educação infantil no Brasil não é diferente desse processo histórico, pois vai se modelando de acordo as necessidades do mercado de trabalho que no Brasil ocorreu tardiamente, se comparado aos países europeus e aos Estados Unidos.

O trinômio mulher-trabalho-criança proposto por Paschoal e Machado (2009) consiste no fator determinante da origem da educação infantil na sociedade ocidental, pois de acordo com as autoras a educação da criança era de total responsabilidade da família, pois no interior da mesma era que se havia o contato com os adultos e, conseqüentemente, a transmissão de culturas e tradições, como normas e regras. Porém, com o surgimento da indústria e a entrada das mulheres ao mercado de trabalho, ou seja, da transição mãe, dona de casa, para operária nota-se a ausência de uma figura que representasse o cuidado com as crianças, que eram os filhos destas mulheres que enfrentavam diariamente o serviço fabril.

Com o perfil familiar sofrendo mudanças devido às estruturas econômicas que se ascendeu a partir do século XVIII, surgem grupos de mulheres que se mostram mais resistentes ao trabalho de operárias, e estas passam então a oferecer serviços voltados aos cuidados dos filhos das demais mulheres, sendo conhecidas como “mães mercenárias”.

Os serviços oferecidos por essas mulheres eram de auxiliar na higienização e na alimentação dessas crianças, sem preocupações de caráter pedagógico. Desse modo, essa noção de desenvolvimento educacional pautado no cuidado íntimo, não era suficiente para construção da aprendizagem dessas crianças. Diante disso, algumas pessoas preocupadas com essas situações, como o pastor francês Obelin passou a construir espaços de ensino para abriga-las, neste contexto as crianças deveriam aprender diferentes habilidades, como adquirir hábitos de obediência, bondade, identificar as letras do alfabeto, pronunciar as palavras e assimilar noções de moral e religião (PASCHOAL e MACHADO p.81, 2009).

No Brasil, “a educação infantil está inserida na história da assistência à criança”, pois as mulheres operárias brasileiras nem sempre contaram com condições ou pessoas para cuidarem de seus filhos enquanto trabalhavam. Dessa forma, muitas delas deixavam seus filhos sozinhos o que geravam alguns acidentes domésticos contribuindo com os altos índices

de mortalidade infantil que se associava também a fatores como desnutrição (SILVA e FRANCISCHINI, 2012, p.268).

Dentro desse contexto, as instituições voltadas à educação infantil passaram a ser geridas pelo poder público, onde verificaram que:

[...] enquanto as crianças das classes menos favorecidas eram atendidas com propostas de trabalhos que partiam de uma idéia de carência e deficiência. As crianças das classes sociais dominante recebiam uma educação que privilegiava a criatividade e a sociabilidade infantil (KRAMER *apud* PASCHOAL, 1995; MACHADO, p.84, 2009).

A diferenciação entre as classes sociais causou a movimentação das mulheres/mães da classe média em sua luta feminista em defender o surgimento de creches e escolas de educação infantil, com isso houve a instituição da educação infantil em alguns Estados Brasileiros. Portanto, o que se tem observado nos dias atuais é a continuação por busca de mudanças no âmbito educacional, sendo ainda mediadas por conflitos promovidos pela desigualdade das classes.

Dessa forma, com as transformações ocorrendo no âmbito escolar, ao mesmo tempo surgiram mudanças nos comportamentos de determinadas crianças, como exemplo, o comportamento de crianças que não conseguem se concentrar. Tais mudanças são vistas em crianças de diferentes fases escolares, sobretudo, em crianças que se encontra na fase da educação infantil, tal fato se justifica, pois é onde a criança tem o primeiro contato com o outro, facilitando assim, o professor observar as singularidades e/ou diferenças de cada criança.

Desse modo, com a identificação da criança com comportamentos que antes não eram vistos, tal professor solicita a mediação de outros profissionais, normalmente, compostas por uma equipe multidisciplinar, sendo os psiquiatras, psicopedagogos, psicólogos e pedagogos, para então, poder fechar um diagnóstico, identificando o que causa, ou impede as crianças da construção de sua aprendizagem na realização das atividades escolares.

Entre os resultados encontrados que justificam a dificuldade de aprendizagem, destaca-se o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), estudado particularmente, desde os anos 30 do século XX e com maior destaque após as guerras mundiais. Com o fim das guerras inúmeros casos de traumas cerebrais passaram a ser evidenciados, advindo a se ter estudos dos principais sintomas que acompanham esses traumas tais como impaciência, desatenção e inquietação. Assim, em 1970, introduziu-se a denominação Distúrbio de Déficit de Atenção (DDA), mas só em 1993 que a Organização

Mundial da Saúde por meio da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) acrescentou aspectos cognitivos e classificou a tríade desatenção, hiperatividade e impulsividade, denominando-o por Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, conhecida no Brasil pela nomenclatura TDAH (SANTOS E VASCONCELOS, 2010).

Dadas as suas características o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade interfere no processo de aprendizagem dessas crianças que passam a ser consideradas, em muitas das vezes, como uma criança desatenta, que não conclui suas atividades e tendem a evitar a realização de atividades que lhe exijam um maior tempo de concentração. Desse modo, com a suspeita desse diagnóstico um crescente número de familiares com a instrução de professores tem procurado tratamento para esse transtorno, em clínicas especializadas em saúde mental, sendo um déficit que tende a comprometer a aprendizagem da criança em sua vida escolar, se esta não for estimulada de forma adequada pelos próprios professores que atuam diretamente na construção do conhecimento (CARVALHO, *et al*, 2012).

Ao lado disso, a não reflexão dos professores de suas práticas pedagógicas, fazem com que muitos culpabilizam as crianças com o diagnóstico, e estes passam a ser vistos como distraído com constantes esquecimentos de atividades diárias. Vale salientar que a criança hiperativa caracteriza-se como as constantes ações como “agitar as mãos ou os pés ou se remexer na cadeira em sala de aula ou outras ações nas quais isso é inapropriado”(ROHDE *et. al* 2000, p.7).

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, conforme coloca Carvalho (*et al* 2012), costuma aparecer ainda na primeira infância, por volta dos três anos de idade, sendo mais comum em meninos. Sendo assim, as crianças que possuem esse transtorno, passa a demonstrar os sintomas ainda na idade escolar – prioritariamente, no início da vida escolar, sendo a educação infantil (ROHDE, *et al*, 2000).

Assim:

Durante a pré-escola, a criança com TDAH pode não se diferenciar dos colegas, uma vez que baixo nível de atenção concentrada, agitação motora e impulsividade são comuns nesta faixa etária. No início do ensino fundamental, entretanto, a criança com TDAH começa a ser vista como diferente das demais e os problemas começam a aparecer com maior intensidade. (DESIDÉRIO, 2007, p.2)

A que se considera que apesar do comportamento diferenciado a criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade não necessita de uma educação especial, no sentido de ser caracterizada de criança com deficiência. O estudioso Smith (2001) ressalta que é necessário que os professores tenham constantemente a formação continuada, revendo suas práticas pedagógicas, onde possa desenvolver de maior atenção e desenvolvimento de

boas técnicas em sala, entendidas aqui como uma prática pedagógica coerente. Pois cada aluno aprende de uma forma.

Mesmo assim, dentro das perspectivas que aperfeiçoaram a realidade do ensino brasileiro têm-se grandes desafios a serem enfrentados, sendo que dentro do ambiente escolar o professor representa a maior parte das mudanças necessárias. No entanto cabe ressaltar que esse profissional necessita desenvolver uma relação de ensino-aprendizagem, ao que Mendonça (2008) afirma ser primordial para o relacionamento professor-aluno e, sobretudo, para a superação de dificuldades.

Para atingir tais objetivos o educador precisa estar atento às transformações ocorridas no processo educativo e, sobretudo, na realidade a qual está inserido. O autor Mendonça (2008, p.355) expõe o estilo em que se aborda a educação como “um perfil mutante determinado pelos fatores envolvidos na encenação de educar”. Essa interpretação entendida como a ação necessária a cada elemento do processo educativo, definido como o papel de cada um, que nesse estudo confirma o do professor.

A definição de papel é colocada por Lima (1996), como a previsibilidade que se tem sobre determinado elemento social em seu comportamento ou do que se espera dele. Assim o autor apresenta dois vieses de discussão do papel do professor onde o primeiro consiste em:

Compreender a forma como a qualidade das relações interpessoais é condicionada pelas expectativas, por outro, ajuda a compreender o tipo de funções que o professor desempenha aos diferentes níveis, desde a escola, passando pela comunidade, até a sociedade em geral (HOYLE 1969 *apud* LIMA,1996, p.49).

Permitindo com isso estabelecer o professor como uma figura importantíssima na transformação social, pois se criam sobre este profissional as expectativas de transformações de realidades que em acordo a suas ações modificam as relações sociais de um modo geral. Neste sentido, o papel do professor pode proporcionar novas visões da sociedade em relação às dificuldades, muitas vezes, intelectuais, físicas ou sociais, a fim de romper com preconceitos e abrir maiores espaços.

Assim frente às dificuldades enfrentadas na construção da história da educação e a importância do professor, necessita também evidenciar o espaço da educação infantil que consiste no lugar que tradicionalmente as regras, e os atos sistematizados, organizados encontram-se com mais evidências. Lugar aonde os seus frequentadores vão adaptando os corpos e as mentes, mesmo que de forma inconsciente para ser bem aceito.

METODOLOGIA

A pesquisa científica se realiza por meio do método dedutivo que para o autor Diniz (2008) parte de considerações universais de um fenômeno para abordá-lo de modo particular. Dessa forma, por meio desse método foi possível formular as problemáticas em torno das questões teóricas e empíricas que envolvem o papel do professor no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na educação infantil.

Nessa perspectiva, existe uma relação entre o pesquisador e o objeto de estudo para determinação dos demais procedimentos metodológicos. Desse modo, nessa pesquisa não foi possível realizar a conjunção entre “a razão e a experimentação das hipóteses”, como propõe (DINIZ, p.7, 2008), devido à ausência de crianças com tal diagnóstico proposta na pesquisa, nos ambientes escolares do município de Juscimeira.

De modo que buscou adotar a pesquisa bibliográfica que de acordo Lakatos (2003) trata-se de um apanhado geral de fontes de informações que forneçam dados atuais. Onde através de tal coleta, a pesquisa pode selecionar aqueles que capazes de apresentar indícios e subsídios importantes ao objeto de estudo aqui proposto.

Para uma análise mais detalhada, fez-se uma investigação projetada complementar a pesquisa bibliográfica, entendido como levantamento bibliográfico, que conforme Galvão (2010), trata-se de uma metodologia que valoriza potencialmente o conhecimento científico, e através do mesmo se ir além. No cumprimento dessas etapas, fez-se uso de diversos materiais tais como lápis, notebook, cadernos e afins.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Considerando as bases em que foi construída socialmente a educação infantil, aos quais Silva e Francischini (2012), afirmam estarem até os dias atuais intrínsecos nos conflitos e desigualdades do processo educativo. Assim sendo, cabe o profissional da educação do atual momento promover mudanças em suas práticas educativas diárias, mecanismos que superam as deficiências advindas da construção histórica da educação no Brasil.

O professor consciente das desigualdades envolvidas nos processos históricos que moldaram a educação brasileira entende que a iniciativa da escola pública com ensino obrigatório e gratuito não são as únicas alternativas necessárias às transformações sociais necessárias do país, mas que cabe a ele garantir um conhecimento de caráter democrático.

Nesta vertente Gonçalves (p.4, 2008) afirma que tal profissional quando trabalham consciente da realidade histórica a qual está inserido “querem mudar essa situação porque

sabem que a escola pública é o um espaço importante para que os alunos da classe trabalhadora adquiram o saber sistematizado, necessário à sua emancipação social”.

Frente aos desafios atuais, o professor necessita conhecer e reconhecer as vivências de todos, devido à escola contemporânea “pode não ser capaz de responder a diversidade cultural que hoje conforta os espaços de ensino” (LIMA, 1996, p.51). Pelo qual torna o seu trabalho mais difícil, mas que ao identificar a criança, enxergando-o em suas singularidades, o ajuda superar suas dificuldades, tornando possível assim, para a criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade a construção do seu conhecimento.

Nesta vertente, modela sua prática pedagógica, que serve de ferramenta eficaz para estar minimizando a desatenção, inquietude e alguns outros comportamentos de crianças que tem esse diagnóstico. Além disso, independente do transtorno, o principal objetivo a se atingir na escola brasileira é a superação do seu caráter de exclusão enraizados na sua história, e o professor possui em seu papel uma das principais ferramentas para promover tamanha ação.

Todos os professores têm um papel de suma importância no processo de aprendizagem de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e esses professores têm que ser capacitados nessa área e receber uma orientação especial para trabalhar na educação dessas crianças, pois elas necessitam de profissionais capacitados, capaz de estimular a permanência das mesmas nos ambientes de ensino.

De acordo com Rohde e Halpern (2004), devido essa dificuldade de identificar as crianças que sofrem de alguns transtornos, que se estabelece a necessidade de se intervir no âmbito escolar, através de orientações aos professores, como uma melhor estruturação das salas de aula. Sendo que a escola juntamente com seus professores, serão os agentes de convívio social da criança, que lhe irá proporcionar vivências e aprendizado e consequentemente sua socialização (VIANA, 2013).

Sendo de suma importância a adoção de medidas multidisciplinares que contemple o aluno em suas várias dimensões, evitando com isso, comprometer a qualidade do processo de ensino-aprendizagem da criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade que necessita se sentir inserido nos espaços de ensino. E tal perspectiva pode ser atingida por meio das relações de vários conhecimentos, permitindo a criança notar sentido em suas ações por mais de uma perspectiva, no interior dos espaços de educação infantil, como fora da escola e até mesmo em seu meio familiar.

Ao lado disso neste contexto a escola busca atender a criança da educação infantil de forma a lhe assegurar dignidade no seu processo de ensino aprendizagem. O pensar a prática pedagógica para com as crianças que possuem Transtornos de Déficit de Atenção e

Hiperatividade são de extrema importância, justamente por ela ser consideradas uma das etapas necessárias ao tratamento deste transtorno, como afirma Santos e Vasconcelos (2010), dentro dessa necessidade que as atividades diferenciadas de forma de integrá-las ao contexto escolar de maneira prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa científica voltada ao papel inclusivo da educação exige o entendimento das perspectivas históricas que moldaram os modelos educativos e consequentemente o perfil das instituições de ensino. Dessa forma fez-se possível não só compreender como esses fatores ocorreram no Brasil, como os moldes atuais e autoritários existentes na educação que permitiram a exclusão de diversos grupos e indivíduos dentro do processo de ensino formativo.

Assim o aprimoramento profissional passa por uma superação do elitismo educacional brasileiro, como o reconhecimento das diversidades de grupos e suas necessidades dentro do espaço escolar. Cabendo com isso uma constante preparação e formação do professor, de modo a habilitá-lo para lidar com os diversos transtornos, dentre eles o focado nessa pesquisa, que considera o indivíduo com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH com os mesmos potenciais de desenvolvimento humano e social.

Contudo as frequentes discussões acerca do papel das escolas e dos professores por uma educação inclusiva, traz mudanças nos moldes que estruturam os espaços de ensino como a própria prática pedagógica. E a asseguarção dos direitos básicos dos indivíduos e a garantia da dignidade social necessária à manutenção da cidadania.

Logo, por meio dessa pesquisa se evidencia a importância do desenvolvimento de medidas de integração da criança ao espaço escolar, sendo um estudo com fortes contribuições no âmbito da garantia de direitos, como na transformação dos espaços de ensino, ao promover um olhar sobre a escola como um lugar inclusivo, capaz de promover uma formação social que supere as falhas existentes na formação da educação infantil.

Sendo por si, só uma pesquisa transformadora, já que a mesma contempla a vários aspectos da educação, promovendo reformulações nos perfis das instituições de ensino infantil, nos educadores e familiares das crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, e consequentemente na sociedade em seu todo, como na própria atuação profissional do pesquisador da mesma.

REFERÊNCIAS

- CALLEJA, José Manuel Ruiz. **Os professores deste século: algumas reflexões**. Revista Institucional Universidad Tecnológica del Chocó: Investigación, Biodiversidad y Desarrollo. 2008.
- CARVALHO *et al.* **TDAH: considerações sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. Revista Científica do ITPAC. v.5, n.3, jul. Araguaína, 2012.
- DESIDÉRIO, Rosimeire C. S. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade: Orientações para a família**. Psicologia Escolar e Educacional. V.11. n.1. Campinas. Jun. 2007.
- DINIZ, Célia Regina. **Metodologia Científica**. Campina Grande, Natal: UEPB/EDUEP, 2008.
- DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. **Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 921-946, 2007.
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas Atuais da Educação**. São Paulo em Perspectiva. 14 (2). 2000.
- GONÇALVES, Silvia Aparecida dos Anjos. **A função docente e o conhecimento numa perspectiva histórico crítica**. Secretaria Estadual de Educação. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIMA, Jorge. Ávila. **O papel do professor nas sociedades contemporâneas**. Revista Educação, sociedade e cultura. n6.1996.pp.47-72.
- MENDONÇA, João Guilherme Rodrigues. **Formação de professores a dimensão lúdica em questão**. Cadernos de Pedagogia. Ano 2. N.3. jan/jul. 2008.
- PALMEIRO, Dina do Carmo dos Santos Augusto. **Alunos, interações escolares e socialização**. Instituto Superior de Educação e Trabalho. Porto, Abril de 2010.
- PASCHOAL, Jaqueline. MACHADO, Maria Cristina. **A história da educação infantil no Brasil: avanços e retrocessos e desafios dessa modalidade educacional**. Revista HISTED BR Online, Campinas, n.33, p78-95, mar.2009.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Paidéia**, FFCLRP, USP – Ribeirão Preto, 4. Fev/Jul, 1993.
- ROHDE *et al.* **Transtornos de déficit de atenção e hiperatividade**. Revista Brasileira de Psiquiatria. p 7-11.2000.
- ROHDE, Luís A; HALPERN, Ricardo. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade atualização**. Jornal pediátrico, v.80, n2, 2004.

SANTOS, Leticia de Faria; VANSCONCELOS, Laércia Abreu. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças: uma revisão interdisciplinar**. Revista Psicologia Teoria-Pesquisa. v.26, n.4, pp 717-724, out-dez, 2010.

SMITH, C. Strick. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Ed. Artmed, Porto Alegre, 2001.

VIANA, Noemi Pacheco. **O lúdico em benefício da aprendizagem de crianças com transtorno de déficit de atenção TDAH**. Seminário Internacional Inclusão em Educação: Universidade e Participação 3. Maio. Rio de Janeiro, 2013.

SERVIDOR LINUX DE ARQUIVOS¹

Kemerson Wedley Costa da Silva ²

Eugênio Guimarães de Souza³

Julio César Gavilan⁴

Maico Luis Rheinheimer⁵

Renato Arnaut Amadio⁶

RESUMO

Servidor Linux de arquivos, é uma máquina específica para compartilhamento de dados, que fornece serviços para uma determinada rede de computadores, entre outros motivos, pela sua segurança e confiabilidade. O FreeNAS é uma plataforma de armazenamento de código aberto baseado em FreeBSD e suporta o compartilhamento no sistema operacional, Windows, macOS e sistemas baseado em UNIX. O FreeNAS inclui ZFS (Zettabyte File System), que suporta altas capacidades de armazenamento e gerenciamento de volume sendo que sua função principal é gerenciar e ter controle de usuários. A segurança de informações e gerenciamento de usuários está sendo construído através de pesquisas bibliográficas, tendo como o objetivo conhecer o FreeNAS, deste modo realizou-se uma implantação da ferramenta para fins de obter conhecimento, mostrando como um servidor de arquivos é muito eficaz utilizando a ferramenta, aplicando conceitos com o administrador da página WebGui, o resultado mostra a instalação do sistema FreeNAS e a página de configuração para administrar via WebGui.

Palavra-chave: Servidor de arquivo. FreeNAS.

ABSTRACT

The Linux file server, is a machine Specifies for data sharing, which provides services to a particular network, among other reasons, for their safety and reliability. FreeNAS is an open source storage platform based on FreeBSD and supports the share on the operating system, Windows, Apple and UNIX-based systems. FreeNAS includes ZFS, which supports high storage capacities and volume management and its main function is to manage and take control of users. Information security and user management is being built through bibliographical searches the goal is to learn more about Linux and the FreeNAS thus making the deployment tool for obtaining knowledge, showing how a file server is very effective and having many advantages using FreeNAS, for having an interactivity with the WebGui page administrator.

Keyword: File Server. FreeNAS.

¹ Artigo apresentado para conclusão em Sistemas de Informação na Faculdade de Ciências Sociais Aplicado do Vale do São Lourenço - EDUVALE

² Acadêmico do Curso de Sistemas de Informação na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço.

³ Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale

⁴ Professor Mestre da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale

⁵ Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale

⁶ Professor Especialista da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço – Eduvale.

INTRODUÇÃO

Foi abordando sobre servidor e quais os serviços de um servidor, como funciona, e sobre os dados, que nesta parte estaremos focando o Sistema Operacional Linux e algumas distribuições e por que o Sistema Operacional Linux. O que é o FreeNAS, como fazer o gerenciamento por esta plataforma, como funciona, o que é gerenciamento de usuários, como isso irá ajudar o usuário, como garantirá a segurança de suas informações, por que fazer Backups e o que é modo RAID e qual a sua funcionalidade em modo RAID.

Servidor Linux, por conta de sua segurança, confiabilidade e por ser um software livre, introduzindo com o FreeNAS podemos fazer uma junção excelente, por motivo de o FreeNAS ser baseado em FreeBSD que é uma distribuição do UNIX, assim podendo fazer o gerenciamento de usuários e das informações com segurança.

O FreeNAS é uma solução de servidor NAS gratuita, sendo assim suportando diversos protocolos e suportando RAID 0, 1 e 5, sendo uma excelente opção para montar e administrar um autêntico servidor de Arquivos.

SISTEMA OPERACIONAL

Segundo Silva (2007) Sistema Operacional são vários programas que formam a interface para o usuário, é o principal responsável por fazer o gerenciamento de seus recursos e periféricos que é a parte física, no caso o hardware e a lógica que são os Softwares do S.O e assim fazendo a interpretação das mensagens e executando programas.

LINUX

Para Matos (2006), Linux é simplesmente composto pelo núcleo Linux que é o kernel do Sistema Operacional e várias bibliotecas e ferramentas do projeto GNU, e vários programas livres, sempre seguindo a norma do Unix, o nome Linux surgiu com a junção de Linus + Unix criado por Linus Torvalds em 1991 e seu código fonte é aberto e livre para alterações, assim oferecendo uma interface gráfica para interação com o usuário.

Windows

De acordo com Paulino e Viana (2010), Windows é um Software criado pela Microsoft que foi fundada por Bill Gates e Paul Allen, é um sistema operacional com várias versões, assim executando processos empresarial e pessoal, cada versão tem seu preço por conta de ser um produto comercial.

O que é servidor

Para Soares e Costa (2010), servidor é uma máquina que tende a oferecer serviços para uma rede de computadores, que pode ser tanto físico como lógico, o físico é muito utilizado para compartilhar conexão, Impressoras, compartilhar arquivos e oferecer o serviço de Firewall, exemplo do lógico é um servidor web que pode ser o software servidor que execute uma aplicação ou uma Storage Server que é um equipamento de backup de arquivos.

Vantagens de um servidor Linux

De acordo com Figueiredo, Santos, Tomimori e Silva (2005), as vantagens de servidor Linux são várias entre elas custos saindo bem em conta, agilidade na correção de bugs, estabilidade, segurança, por conta de ser software livre o usuário pode adaptá-lo se tiver conhecimento do que está fazendo e tem uma ótima aceitação com hardwares ultrapassados tendo um ótimo desempenho e uma compatibilidade com vários sistemas de arquivos.

Servidor não dedicado

Para Carlos E. Morimoto (2006), servidor não dedicado é um desktop convencional de qualidade inferior utilizado normalmente no dia a dia, que disponibiliza algum serviço para a rede. Um computador que oferece o serviço de compartilhamento de impressora e outro computador da rede compartilha arquivos com a mesma, logo, temos dois servidores não dedicados, um de arquivo e outro de impressão.

Servidor Dedicado

Autores como Carlos E. Morimoto (2006), servidor dedicado é um computador onde tem uma ótima qualidade de hardware assim podendo suportar vários serviços assim como de

Impressão, Arquivos, Firewall, Web, E-mail entre outros e suportando vários usuários da rede ao mesmo tempo, por isso sua exigência hardware é maior do que a do servidor não dedicado.

(NAS) - Network Attached Storage

De acordo com Kaneviecher (2012), NAS, é o armazenamento conectado à rede são dispositivos conectados através de uma rede para armazenar informações em um servidor podendo assim guardar arquivos em rede. As vantagens de um servidor NAS é que foi desenvolvido para a função de compartilhar e não precisando de outros sistemas operacionais, e assim fortalecendo as suas vantagens que é o compartilhamento e assim tendo um bom desempenho e bem obtivo e bem leve podendo assim ser instalado em uma máquina simples. As desvantagens do NAS é que algumas Storage vêm com um software de fábrica normalmente com limitações.

FreeNAS

Para Kaneviecher (2012), FreeNAS é um software que converte um computador em um servidor NAS, o FreeNAS é uma distribuição FreeBSD um sistema Unix bem usado em servidores, é bem fácil a sua instalação e a configuração e conta com uma interface web para melhor administrar, compacto e muito eficiente e dedicado a uma única tarefa o NAS.

Hardware

Segundo Rosenberg (2011-2013), algumas recomendações do FreeNAS é que depende da aplicação para o que você irá fazer pode variar, no guia do FreeNAS irá conseguir orientações sobre qual hardware que se adequa a suas necessidades. Mesmo sendo leve e ocupando pouco hardware dependendo do serviço que será utilizado pode trazer transtorno de lentidão.

O que é Gerenciamento de Rede

Para Matos (2006) o gerenciamento e monitoração de redes é muito importante para ter uma rede de computadores bem estável, caso não tenha o gerenciamento e monitoramento a rede não fica funcional por muito tempo, e agindo gradativamente isso tornará as tarefas

gerenciais de rede proativa e assim prevenindo problemas futuros e assim garantindo aos usuários uma ótima qualidade de serviços.

ZFS (Zettabyte File System)

ZFS é um sistema de arquivo muito avançado, seu principal objetivo foi suprir recursos que não se disponibilizava nos sistemas de arquivos do UNIX, o FreeNAS utiliza o OpenZFS assim sempre a cada atualização aplicando correções de bugs, ZFS foi projetado para ter um sistema de auto cura, quando o arquivo é gravado ele passa por uma soma de verificação de todos os blocos dos discos, caso o ZFS identificar algum erro de checksum será corrigido os dados corrompidos com os dados corretos, caso ocorra falha na atualização ZFS inicia o método de recuperação disponível na versão FreeNAS 9.3 (<https://doc.freenas.org.2016>).

Conceitos sobre Segurança da informação e porque utilizar

A informação e os processos de apoio, sistemas e redes são importantes ativos para os negócios. Definir, alcançar, manter e melhorar a segurança da informação podem ser atividades essenciais para assegurar a competitividade, o fluxo de caixa, a lucratividade, o atendimento aos requisitos legais e a imagem da organização junto ao mercado (NBR 17799, 2005 p.9).

A segurança da informação é importante para os negócios, tanto do setor público como do setor privado, e para proteger as infraestruturas críticas. Em ambos os setores, a função da segurança da informação é viabilizar os negócios como o governo eletrônico (e-gov) ou o comércio eletrônico (e-business), e evitar ou reduzir os riscos relevantes (NBR 17799, 2005 p.9).

Para Santiago e Lisboa (2011), segurança da informação é a proteção das informações não palpáveis, no interior das organizações onde encontra as informações de forma bem funcional, sendo assim tendo que adotar normas de segurança para assim diminuir as ameaças, não tem como assegurar totalmente os dados, mas seguindo as normas e sempre atendo com os seus usuários para assim minimizar e prevenir.

Backups

Para NBR ISO/IEC 17799 (ABNT, 2005), hoje em dia as informações são o ativo mais precioso para quase todas as organizações, e com o crescimento do volume e a velocidade com que as informações precisam ser acessadas, as organizações estão ficando

cada vez mais dependentes das Tecnologias de Informação, que precisam oferecer um conforto e uma segurança necessária.

De acordo com a NBR ISO/IEC 17799 (ABNT, 2005), objetivo: Manter a integridade e disponibilidade da informação e dos recursos de processamento de informação. Convém que as cópias de segurança das informações e dos softwares sejam efetuadas e testadas regularmente conforme a política de geração de cópias de segurança definida.

O que é RAID

Segundo Patterson, Gibson e Katz (RAID) Redundant Array of Independent Disks, (Conjunto Redundante de Discos Independentes) é simplesmente uma tecnologia que concede usar vários HDs em síncrono, assim efetuando uma segurança maior das informações em caso de falhas ou perda de um HD.

RESULTADO

Os resultados mostrados abaixo ilustram como é a instalação do sistema FreeNAS que foi testificado para a elaboração deste artigo, além da instalação será mostrado como é a tela de Login do Usuário na plataforma Linux e Windows e a configuração do WebGui para administrar via WEB.

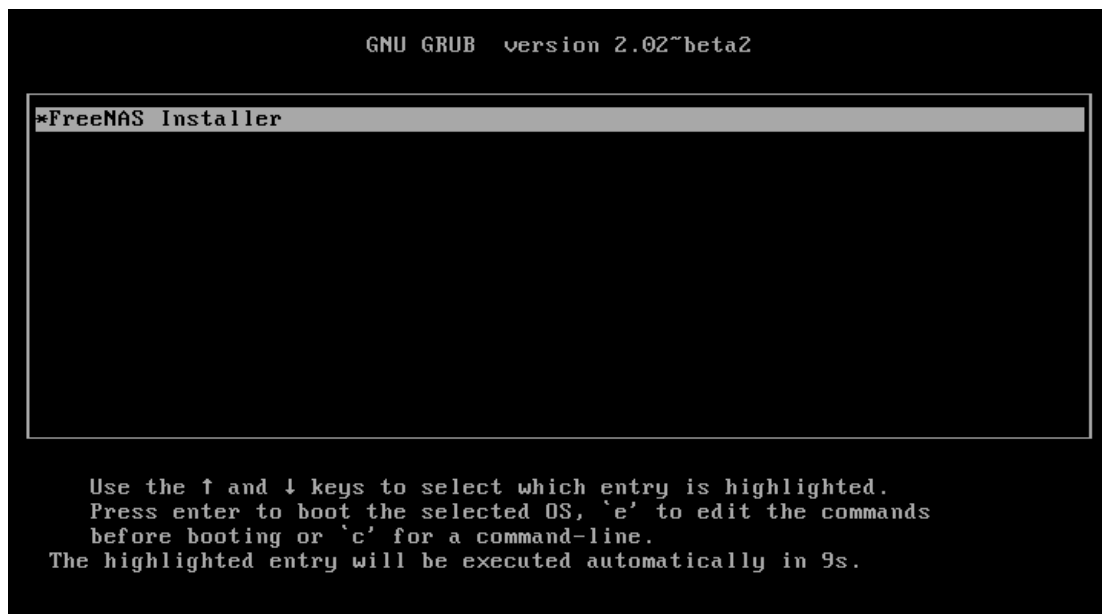


Figura 1: Tela de instalação do FreeNAS, KEMERSON (2016).

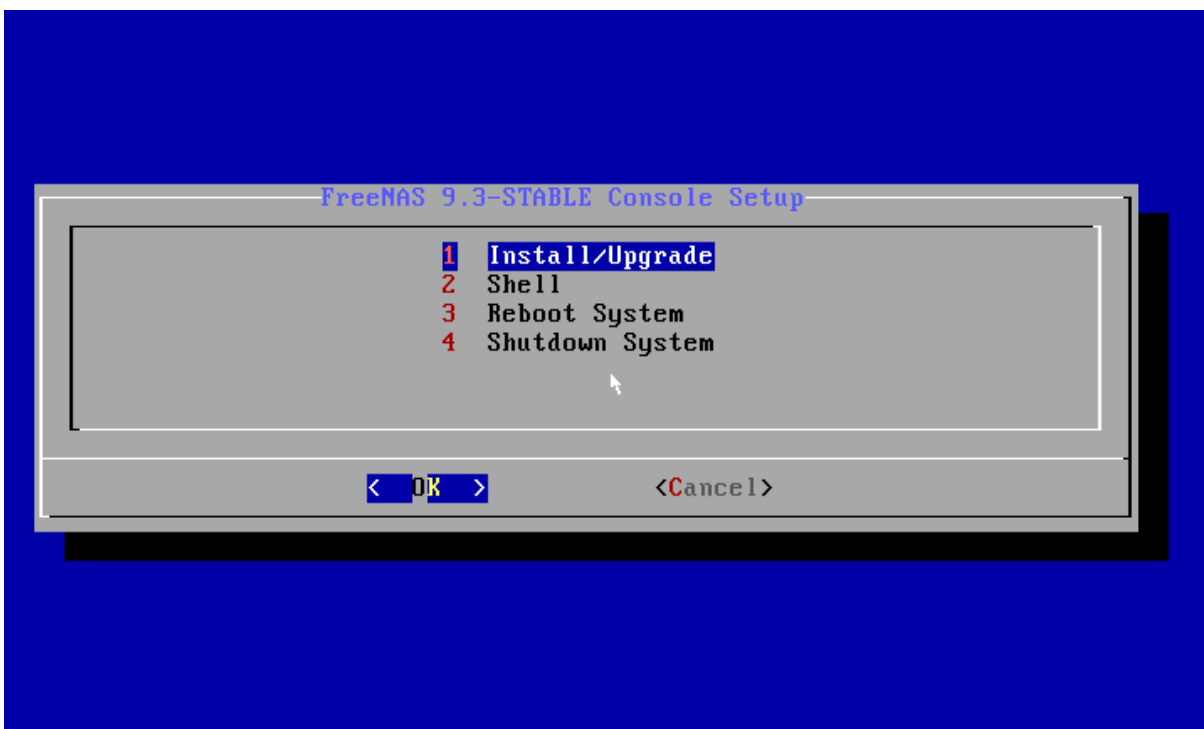


Figura 2: Imagem do Console de instalação, Upgrade, Shell, Reboot e Shutdown, KEMERSON (2016).

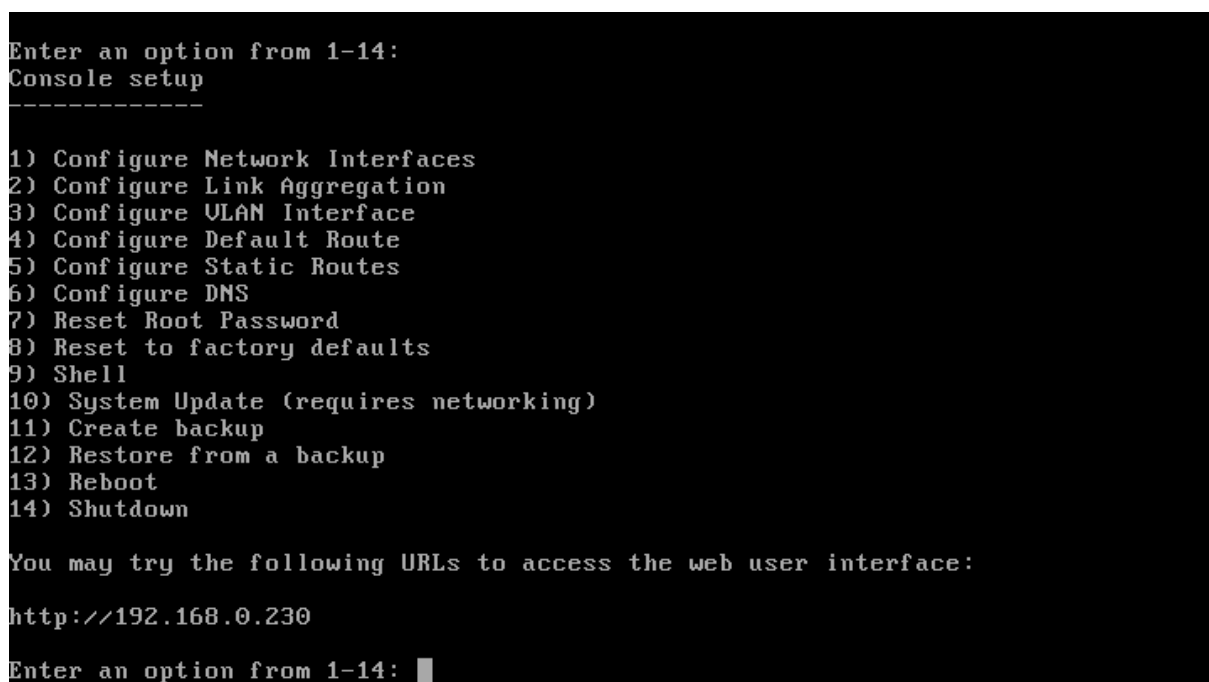


Figura 3: Imagem do Console após a instalação onde é feita a configuração do WebGui, KEMERSON (2016).

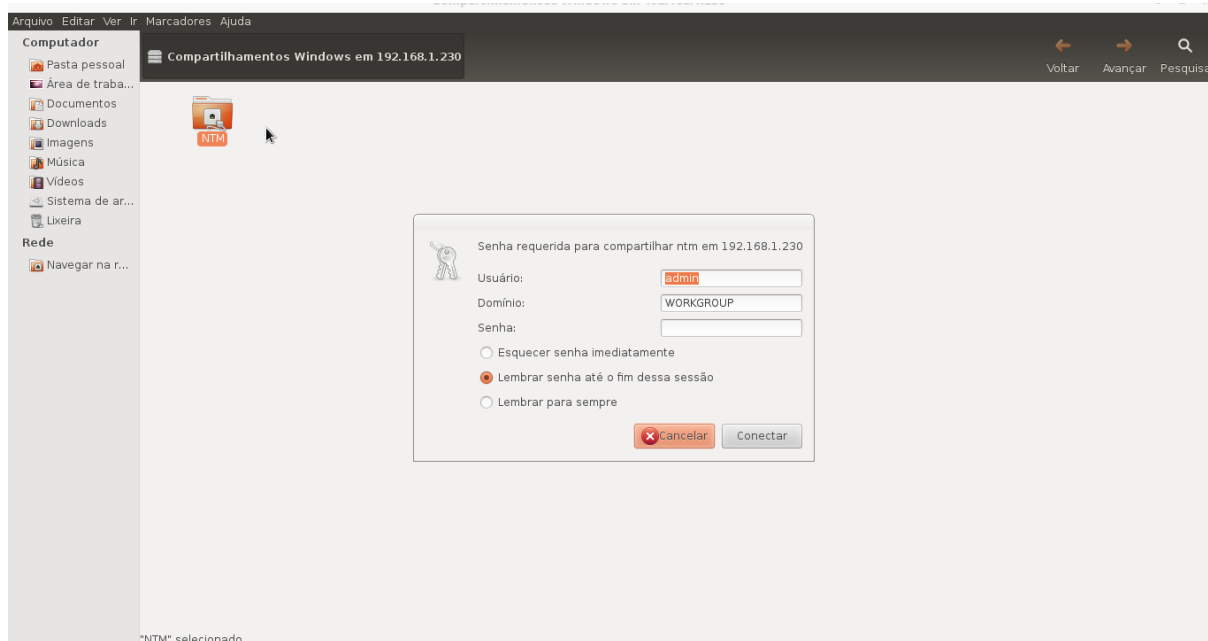


Figura 4: Imagem da tela de Login do Usuário KEMERSON (2016).

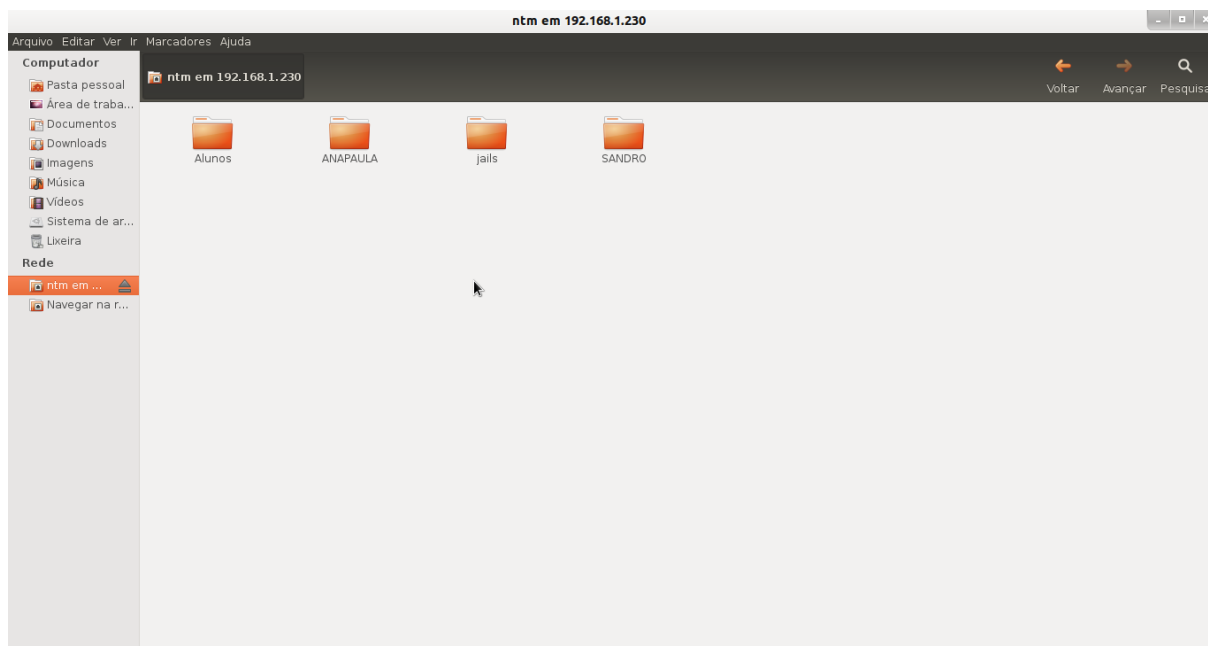


Figura 5: Tela após o Login do Usuário, KEMERSON (2016)

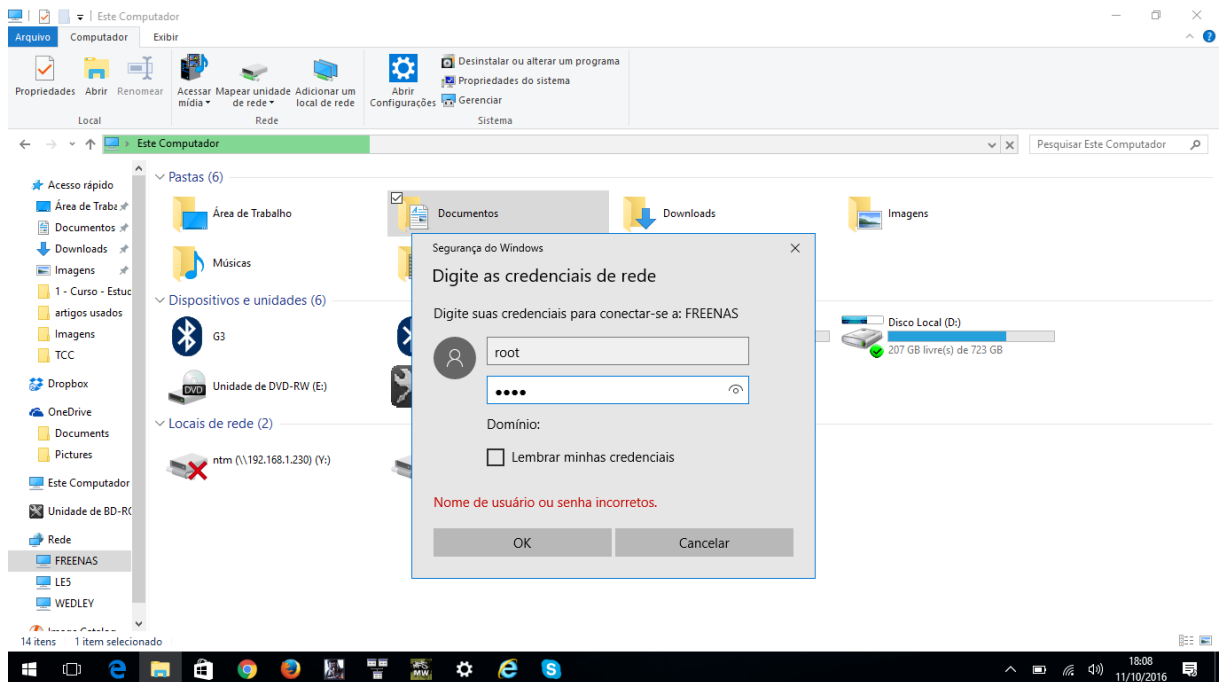


Figura 6: Tela de Login do Usuário no Sistema Operacional Windows, KEMERSON (2016)

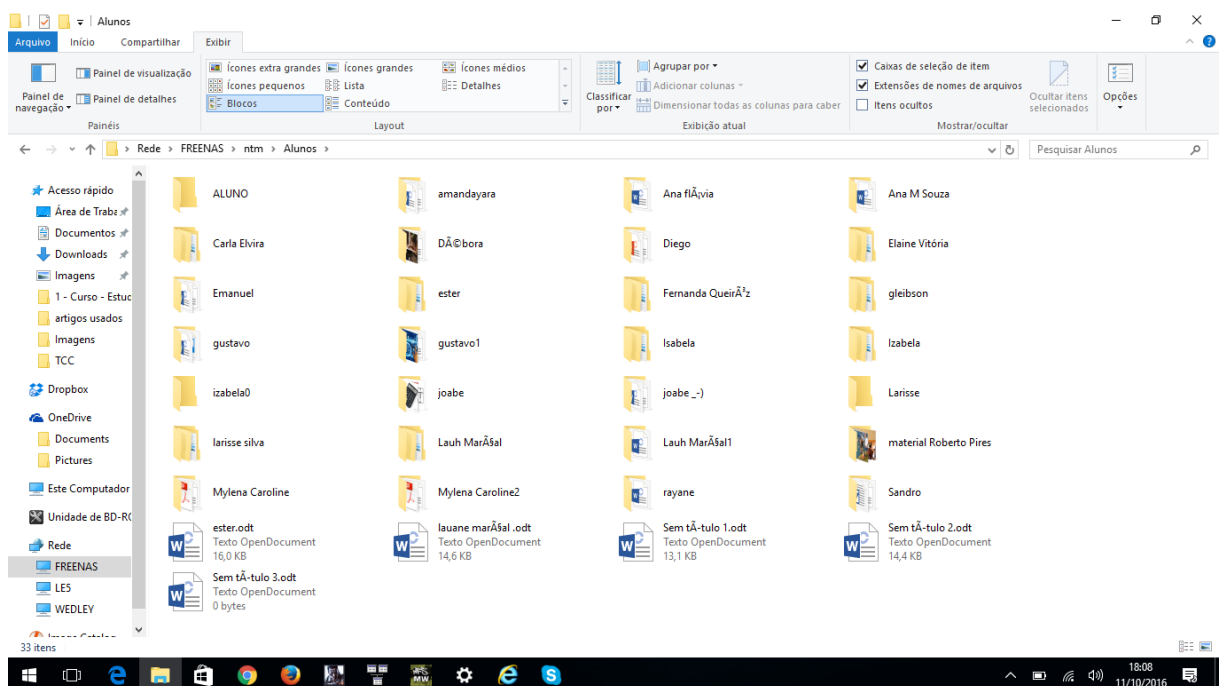


Figura 7: Tela após o Login do Usuário e acessando a pasta Alunos no Sistema Operacional Windows, KEMERSON (2016)

CONCLUSÃO

O sistema FreeNAS é uma ferramenta que possui uma interatividade de interface muito prática para a sua administração onde o administrador da rede pode gerenciar de forma

simples e pratica. O FreeNAS utiliza um prompt de comandos contendo algumas determinadas configurações de rede, onde o administrador da rede deve se atentar as estas configurações, assim tornando um simples computador em servidor de arquivos, tendo como objetivo principal servir como um distribuidor de arquivos com máxima segurança e desempenho, deixando claro que a sua utilização como servidor de arquivos é muito eficaz tendo mais vantagens do que desvantagens na sua utilização de forma correta só trará benefícios a quem utilizar.

REFERENCIAS

ABNT. **Tecnologia da informação – Código de prática para a gestão da Segurança da Informação (NBR ISO/IEC 17799)**. Rio de Janeiro: 2005.

Carlos E. Morimoto, – **Linux Redes e Servidores** - Editora GDH Press e Sul Editores, ISBN: 85-9959-306-4, lançado em: Junho de 2006.

David A Patterson, Garth Gibson, and Randy H Katz - **A Case for Redundant Arrays of Inexpensive Disks (RAID)** - Computer Science Division - Department of Electrical engineering and Computer Sciences 571 Evans Hall University of California - Berkeley. CA 94720.

FIGUEIREDO, Arianne Vivian de Souza, SANTOS, Diogo Dias, TOMIMORI, Eduardo Massao e SILVA, Frank César MIRANDA, Isabella Tamine Parra- **SOFTWARES LIVRES: Vantagens** - Acadêmicos de graduação em Administração – Maringá Management – Revista de Ciências Empresariais, V.2, N.1, p. 26- 33.01/07/2005 ISSN 1807-6467 Disponível <<http://www.maringamanagement.com.br/include/getdoc.php?id=111&article=44&mode=pdf>> acesso 10/07/2016.

KANEVIECHER, Camilo - **Desenvolvimento de um servidor de arquivos em rede (NAS) com o uso do FreeNAS** - Faculdade de Tecnologia Senac Pelotas - Curso Superior de Tecnologia em Redes de Computadores- Rua Gonçalves Chaves, 602 – Centro.

MATOS, Leonardo Kolisnik de - **UM PROCESSO DE GERENCIA PARA REDES DE COMPUTADORES EM AMBIENTES DE SOFTWARE LIVRE**- Pontifícia Universidade Católica do Paraná Curitiba – PR – Brasil (2006)

PAULINO, Bruna Carla Guedes, VIANA, Helder Câmara - **Introdução ao ambiente Windows** – Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010. Disponível em: <<https://doc.freenas.org/9.3/zfsprimer.html>> Acesso em: 11 set. 2016.

ROSENBERG, Jenny. **FreeNAS 9.1.1 Users Guide**. Disponível em: <http://www.freenas.org/images/resources/freenas9.1.1/freenas9.1.1_guide.pdf>. Acesso em: 17 set. 2015.

SANTIAGO, Hewerton Luis P., LISBOA, Gilvânia dos Santos - **Segurança de Sistemas de Informação – o contexto da segurança dos sistemas de informação.** - Faculdade Atenas-Paracatu/MG (2011).

SILVA, Bruno Ribeiro da - **A adaptação de um sistema operacional para a execução em uma diferente arquitetura** - Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis, fevereiro de 2007.

SOARES, Danilo Liborio e COSTA, Orlando Moraes da, - **Arquitetura de Redes de Computadores e Protocolo TCP/IP e Internet** - Revista Eletrônica da UNIVAR N°.13 Vol. 1 p. 99 – 104 - ISSN 1984-431X Disponível:
<<http://www.univar.edu.br/revista/index.php/interdisciplinar/article/view/252/241>. >
- Acesso dia 09/12/2016.

BREVES NOTAS SOBRE O ANTICOMUNISMO NA ERA VARGAS EM MATO GROSSO (1930 A 1945).

Jucineide Moreira de Souza Pereira¹
Antuterpio Dias Pereira²
Ideylson da Silva Vieira Dos Anjos³
Diego Campos Pereira⁴
Gustavo Leandro Martins dos Santos⁵

APRESENTAÇÃO

O século XX assistiu grande avanço dos meios de comunicação, levando a propaganda política a adquirir grande importância principalmente na Europa, onde o nazi-fascismo explorou habilmente os poderes da propaganda política.

Vargas, oriundo de um golpe militar que o colocou no poder em 1930 e mantendo uma estreita ligação ideológica com outros regimes autoritários busca, o controle dos meios de comunicação na tentativa, de modelar a consciência política nacional a seu favor. Inicialmente reedita a Lei de segurança Nacional ininterruptamente, cria o Departamento Nacional de Propaganda- DNP e finalmente o Departamento de Imprensa e Propaganda DIP⁶, que estava incubido da propaganda política a favor de seu governo e da criação estereotipada do comunista, como o inimigo da humanidade.

Desta forma, este projeto de pesquisa, visa estudar de modo particular, qual o papel da imprensa matogrossense no período de 1930-1945, na formação do complô comunista internacional e do mito de Vargas como homem providencial.

Nosso objetivo neste artigo será o estudo e a análise do discurso anticomunista na imprensa mato-grossense durante o primeiro Governo de Getulio Vargas, considerando que

¹ Jucineide Moreira de Souza Pereira, é mestra em História/UFMT, Professora da Rede Municipal de Educação de Rondonópolis- MT.

² Doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – MS, Professor do Estado de Mato Grosso e Presidente do Movimento Negro de Rondonópolis.

³ Filósofo, mestre em comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Vale do São Lourenço.

⁴ Graduado em Administração pela Faculdade Anhanguera de Rondonópolis, Especialização em Marketing e estratégia de vendas, pela Instituição Business Group, IBG, Brasil; Especialização em Planejamento econômico e financeiro, Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT; Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

⁵ Graduação em Direito pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, FMU; Mestrado em Direito, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, MACKENZIE,

⁶ Departamento de Imprensa e Propaganda criado em 27 de dezembro de 1939, em substituição ao Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, mostrando que o controle da imprensa não começa em 1937 com o golpe. CARONE. EDGARD. *O Estado Novo (1937-1945)*. 2ª ed. São Paulo. Difel. 1977.

dois dos interventores federais em Mato Grosso, Fenelon e Júlio Muller, eram irmãos de Filinto Muller, o chefe da polícia política e íntimo colaborador do Varguismo no que se refere à propaganda política e a sistemática repressão aos inimigos do governo.

Segundo NEGRÃO⁷ as formas de combate ao inimigo “vermelho”, no período citado, eram a repressão, censura e a propaganda política. O movimento comunista embora não sendo o único inimigo da unidade nacional varguista era o que, em suas próprias características trazia o perfil apontado como o desarticulador da paz, destruidor da harmonia nacional, tendo como elementos de ação a rebelião e o desejo de entregar o país ao domínio estrangeiro. Assim é classificado por GIRARDET como um complô e o medo dos complôs sempre foi um componente do imaginário habilmente explorado pelos governantes e também discutido no âmbito científico.⁸

O mundo liberal (la belle époque) e seu sonho de controle e prosperidade enfrentaram várias crises, dentre estas a 1ª Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917 e desta forma acaba finalmente mostrando ao mundo (em plena crise de entre guerras) a impossibilidade do liberalismo, em solucionar os males da humanidade neste período.

A relevância social deste trabalho vem do fato de poder vir a constituir-se em uma explicação para a compreensão do que somos e de como fomos ensinados a nos ver e a ver o outro. Podemos oferecer, por exemplo, mais um olhar sobre a maneira autoritária de fazer política em Mato Grosso de como repercutiu no Estado a aliança sempre bem feita entre Estado e Imprensa com o objetivo de adquirir força e poder e controle de massas, levando em consideração o que nos diz CARNEIRO: “*Em qualquer época e lugar, imagem e texto cumprem o papel de doutrinação e sedução função inerente à imprensa política.*”⁹ No período em questão o Governo se valia do DIP que era um órgão que fazia a censura e a publicidade política em todo país, de modo que acreditamos que tal temática não pode ser relegada, ignorada ou simplesmente aceita como continuidade de uma política maior. É necessário um avaliar o tema e observar as possíveis especificidades da mesma.¹⁰

Buscamos respostas para questões que permeiam as práticas de construção simbólica na imprensa. E assim citando GEERTZ:

⁷ NEGRÃO, João Henrique Botteri. ***Selvagens e incendiários: O discurso anticomunista e as imagens da guerra civil espanhola***. São Paulo. USP. 2001. mimeo. Pagina 16.

⁸ GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologia políticas**. São Paulo. Editora Cia das Letras, 1987. passim

⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci e KOSSOY, Boris. *A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003. pagina 13

¹⁰ A existência de uma política de controle não implica necessariamente em sua eficácia.

“, o homem não pode formular sistemas mentais, sem recorrer à orientação de modelos de emoção públicos e simbólicos, pois esses modelos são os elementos essenciais com que ele percebe o mundo”¹¹

Nos anos 20 do século passado, o sistema político dominado pelo setor agrário-exportador começa a perder legitimidade ao mesmo tempo que as camadas urbanas começam a organizarem-se em vários campos. Aos líderes dos países liberais essas mudanças e organizações da classe operária eram motivos de preocupações agravados com os acontecimentos de 1917. Esse novo mundo internacionalizado por essas mudanças e também pelo avanço tecnológico que dava características novas para as comunicações pediam novas estratégias de controle e repressão não só no Brasil.¹²

A crise que começa no início dos anos 20 e explode violentamente em 1929, põe o modelo agrário-exportador em xeque e coloca em evidência o mercado interno e a economia urbana como pólo dinâmico da economia.

1. A luta anticomunista era uma forte frente de batalha a ser combatida por vários meios, daí o aperfeiçoamento constante da força policial e também o controle sobre a imprensa que no Brasil irá materializar-se na criação do Departamento de Imprensa e propaganda cuja função segundo OLIVEIRA :

“Estava incubida de sistematizar as informações para os ministérios e entidades públicas e privadas em matéria de propaganda nacional. É preciso ressaltar que é durante o Estado Novo que se elabora a montagem de uma propaganda sistemática o governo. E o que é mais inédito é que existe todo um discurso que legitima a necessidade de se propagandear o governo.”¹³

Uma severa censura sobre os meios de comunicação e manifestações públicas impediam a divulgação de qualquer ideia contrária ou crítica ao regime. A imprensa passa a partir de 30 a ser utilizada por Getúlio em uma cruzada anticomunista (principalmente os órgãos ligados a Igreja Católica, ou a Ação Integralista) .

Crianças e jovens foram o alvo privilegiado da propaganda estadonovista na construção da imagem popular de Vargas. O governo Getulista não descuidou das cartilhas,

¹¹ BURKE, Peter (Org). **A Escrita da História, Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 145.

¹² CANCELLI, Elizabeth. **De uma sociedade policiada a um Estado policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30. . . Opin. Publica**. [online]. out. 2003, vol.9, no.2 [citado 25 Setembro 2004], p.73-92. Disponível na World Wide Web: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762003000200004&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0104-6276.

¹³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi e outros. **Estado Novo, ideologia e poder**. Rio de Janeiro. Zahar, 1982. pagina 72

nem dos livros didáticos, elaborando cuidadosamente as mensagens presentes nas obras que chegavam até os alunos assunto este tratado habilmente por CAPELATO que nos diz:

“Neste terreno onde política e cultura se mesclam com idéias, imagens e símbolos, define-se o objeto propaganda política como um estudo de representações poéticas. Tal perspectiva de análise relaciona-se diretamente com o estudo dos imaginários sociais que constituem uma categoria das representações coletivas.”¹⁴

Assim sendo, vemos comprovado nas diversas obras a atuação e presença do Estado em outros locais, daí surge a necessidade de aprofundar a temática em Mato Grosso e nos seguintes periódicos: A CRUZ (1935-1939), TRIBUNA (1935, JORNAL DO COMÉRCIO”, O MUNICÍPIO DE CORUMBÁ, O GARIMPEIRO, GAZETA DO COMMERCIO, TRIBUNA, que estão microfilmados no Arquivo Público Estadual e no NDIR.¹⁵

A atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda tem sido alvo de vários estudos, - várias reflexões e comparações documentais, não deixando qualquer dúvida sobre seu alcance e atuação no sentido de identificar ou criar um inimigo e uma ameaça para legitimar a centralização do poder na figura Getúlio Vargas.

A nossa hipótese é de que apesar da distancia geográfica e da situação política de Mato Grosso no período, o controle da imprensa com fins políticos foi forte pois não podemos nos esquecer que Filinto Muller, o chefe da polícia política de Vargas era de Mato Grosso e seu irmão foi interventor em Mato Grosso.

Acreditamos, que apesar do aparente “não controle” da imprensa, este, não deve ter sido abandonado totalmente ou então se dava através de outros estratagemas tais como a Ação Integralista ou da Imprensa Católica.

Para o desenvolvimento deste tema muitas leituras foram feitas, assim como um levantamento de fontes específicas para o desenvolvimento de nossa temática. Sendo assim um dos trabalhos que nortearam este texto aborda a propaganda anticomunista no período da Guerra Civil Espanhola, apresentando ainda uma análise das imagens dessa mesma guerra. Tal obra é a tese do Profº Dr. João Henrique Botteri Negrão: *Selvagens e incendiários: O discurso anticomunista e as imagens da guerra civil espanhola*.¹⁶

¹⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

¹⁵ OLIVEIRA, Leila de Souza. *Tempo de Esperança: A imagem do Estado Novo na Imprensa matogrossense* teve como fonte principal o jornal “O Estado de Mato Grosso”.

¹⁶ Todas as obras estão devidamente referenciadas em local próprio neste projeto.

Uma outra leitura esclarecedora foi a obra de Wilhem REICH, *Psicologia de massas do fascismo*, que traz à tona questões pertinentes ao tema da submissão e aceitação de ideias contraditórias a sua própria situação por parte das massas humanas.

Em busca de ajuda para definirmos provisoriamente alguns conceitos relativos a propaganda foram de grande valia as seguintes obras: *O que é propaganda Ideológica* de Nelson Jahr Garcia e *Linguagem e persuasão* de Adilson Citelli.

Sobre a repressão, coerção e uso da força nos anos 30 se mostraram interessantes a obra: *O mundo da Violência: a polícia da era Vargas* e também um excelente artigo encontrado na Rede intitulado: *De uma sociedade policiada a um Estado policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30* de Elizabeth Cancelli, que trata da modernização do aparato policial, dos acordos internacionais de troca de informações e aperfeiçoamento das polícias, principalmente com o objetivo de perseguir os comunistas - inicialmente uma estreita colaboração com a Itália depois com os EUA principalmente após a 2ª guerra mundial.

Estado Novo: Ideologia e poder, foi outra obra importante para a montagem deste projeto e é de autoria de Lúcia Lippi Oliveira em conjunto com outros pesquisadores do CPDOC¹⁷

A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954 é uma obra esteticamente bela e que dá vida às pessoas e aos escritos dos jornais confiscados pelos mais diversos motivos (não só os comunistas eram os alvos) A obra em si é um relato das experiências em torno da imprensa e é de autoria de Maria Luiza Tucci CARNEIRO, e Boris KOSSOY.

Estado Novo, um auto-retrato (arquivo Gustavo Capanema). De SCHWARZMAN, Simon. (org). nos propiciou segundo o objetivo de seu autor um olhar sobre o Governo Vargas feito por seus próprios membros, segundo orientação de Vargas que não desconhecia o importante papel tanto da imprensa como da importância do registro histórico.

Uma das obras mais importantes sobre o período Vargas podemos citar: EDGARD CARONE. *O Estado Novo (1937-1945)*; e a respeito da Educação a partir dos anos trinta foi importante a obra *Pátria, Civilização e Trabalho* de Circe Bittencourt. Ainda sobre a imprensa, mais especificamente no caso de Mato Grosso a obra *Tempo de Esperança: a imagem do Estado Novo na Imprensa matogrossense* de Lea de Oliveira.

Ainda sobre o período Vargas e a propaganda política Maria Helena R. CAPELATO nos fornece uma ampla discussão ainda fazendo uma comparação com o

¹⁷ Centro de Pesquisa e Documentos de História contemporânea do Brasil.

peronismo na obra *Multidões em cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

Várias outras obras aqui não citadas foram buscadas com o objetivo de nos garantir um conhecimento sobre temas diversos desde política, propaganda e representações.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. **Pátria Civilização e Trabalho**. São Paulo: Edições Loyolla, 1990.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da Violência: a polícia da era Vargas**. Brasília. UNB. 1994.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo: Melhoramentos: Brasília: UNB, 1983.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo**. Campinas: Papirus, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Estado Novo: Novas Histórias**. IN: FREITAS, Marcos Cezar (org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo. Contexto. 1998.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci e KOSSOY, Boris. **A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci **O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARONE. EDGARD. **O Estado Novo (1937-1945)**. 2ª ed. São Paulo. Difel. 1977.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados**. São Paulo, Cia das Letras, 1987.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural (Entre práticas e representações)** Lisboa; Difel; Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo. Fundação Perseu Abrama. 1996.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 23ª ed. São Paulo. Ática. 1986.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**

FERREIRA, Eudson de Castro. **Posse e propriedade territorial: a luta pela terra em Mato Grosso**. Unicamp. Campinas, 1986.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo. Brasiliense. 1985.

GIRARDET, Raul. **Mitos e mitologia políticas**. São Paulo. Editora Cia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro e D'ARAÚJO, Maria Celina. **Getulismo e Trabalhismo**. São Paulo. Ática. 1989.

IANNI, Octávio. **A formação do estado Populista na América Latina**. 2ª ed. São Paulo. Ática.1989.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política?** 16ª ed. São Paulo. Brasiliense. 1994.

MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**.2ª ed. São Paulo.Contexto.1989.

MIGUEL, Luis Felipe: **Mito e discurso político : uma análise a partir da campanha eleitoral brasileira de 1994** .São Paulo. Unicamp Imprensa Oficial 2000.

NEGRÃO, João Henrique Botteri. **Selvagens e incendiários: O discurso anticomunista e as imagens da guerra civil espanhola**. São Paulo. USP. 2001. Mimeo

OLIVEIRA, Lúcia Lippi e outros. **Estado Novo: Ideologia e poder**. Rio de Janeiro. Zahar.1982.

OLIVEIRA, Leia de Souza .**Tempo de Esperança: A imagem do Estado Novo na Imprensa matogrossense**. São Paulo. PUC. 1995.mimeo.

REICH, WILHEM. **Psicologia de massas do fascismo**. 2ª ed. São Paulo. Martins fontes. 1988.

RIDENTI, Marcelo. **Política pra quê?** 7ª ed.São Paulo. Brasiliense.

ROCHA, Everardo P, Guimarães. **O que é mito?** São Paulo. Brasiliense.1985.

SCHWARZMAN, Simon. (org). **Estado Novo, um auto-retrato** (arquivo Gustavo Capanema). Vol 24. UNB, 1983 (620 p. Col. Temas brasileiros).

WEFFORT, Francisco. **O Populismo na política brasileira**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.